

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

Caroline Martins Morandi

**Trajetória de formação no curso de licenciatura em Educação Física da UFRGS:
aprendizagens, percalços e resiliência.**

Porto Alegre

2024

Caroline Martins Morandi

**Trajetória de formação no curso de licenciatura em Educação Física da UFRGS:
aprendizagens, percalços e resiliência.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para formação
em Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientado pelo Prof. Dr. Alex Branco Fraga

Porto Alegre

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Senhor, Criador dos céus e da terra, porque sem Ele nada sou e se não fosse pela sua bondade, sua permissão e seu querer eu não teria chegado até aqui.

Agradeço aos meus pais pela educação que deram à mim e ao meu irmão, agradeço do fundo do meu coração pela firmeza em nossa educação em áreas específicas, áreas que determinaram o nosso caráter, e por terem investido em mim, principalmente pela insistência da minha mãe para que eu não desistisse de entrar para uma faculdade.

Agradeço ao meu marido que sempre esteve ao meu lado nos dando suporte onde ele podia, fazendo a parte dele para que eu pudesse fazer a minha, não só por mim, mas por nós.

Agradeço à minha sogra que foi fundamental para que eu conseguisse concluir o curso, pois ela disponibilizou seu tempo, cuidando da minha filha para que eu pudesse escrever esse texto.

Agradeço imensamente também ao professor Alex Branco Fraga, que me orientou durante a construção desse TCC, que teve sabedoria de me guiar e paciência para me orientar, e a todos os professores que fizeram parte da minha formação, todos foram fundamentais para que eu, não somente chegasse até aqui, mas para me tornar a profissional que sou hoje e serei pelos próximos anos.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa trazer minha trajetória no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trago aqui minhas experiências como aluna, no lugar de aprendiz e praticante da licenciatura ao longo do curso, cujo me fez refletir sobre meu futuro, sobre minhas dúvidas de o porquê ter escolhido licenciatura ao invés de bacharel, o qual sempre me chamou e me chama mais a atenção quando comparado com o outro. Trago as minhas dúvidas e certezas, e o que me levou a decidir que eu continuaria como profissional da educação física, entretanto, agora voltada para o bacharelado, ainda que eu tenha concluído o curso de licenciatura.

Palavras Chaves: Educação Física. Curso de licenciatura. Trajetória.

ABSTRACT

This Final Undergraduate Project (TCC) aims to share my journey throughout the Physical Education Teaching Degree program at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). I will discuss my experiences as both a student and a practitioner within the program, which prompted me to reflect on my future and the uncertainties surrounding my choice of a teaching degree over a bachelor's, which has always interested me more. In this project, I will outline my doubts and certainties while explaining what motivated me to pursue a career as a physical education professional, ultimately directing my path toward a bachelor's degree, even after completing the teaching degree.

Keywords: Physical Education. Teaching Degree. Journey.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	6
2.DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS.....	9
2.1 FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL.....	9
2.2 FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL...14	
2.3 FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	22
3. ESTÁGIO NO ENSINO INFANTIL	28
4. ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	32
5. ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
7. REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, apresento a minha trajetória acadêmica dentro do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS, enfatizando a mudança de interesse dentro da área: da intenção inicial de ser professora em escola para o interesse em migrar para o curso de bacharelado em função da minha satisfação nas práticas corporais fitness.

Ao fazer uma análise da minha jornada escolar, percebi que esta foi dada através de escolas públicas: pré-escola municipal, ensino fundamental municipal, ensino médio estadual e universidade federal. Cada uma deixou sua marca em mim, afinal, todas essas etapas foram necessárias para construir quem sou hoje, para eu chegar até onde me encontro, concluindo o ensino superior.

Durante a pré-escola, não me recordo de ter experimentado aulas com professor de educação física, somente recreação e momentos livres nos brinquedos do pátio da creche com as nossas próprias professoras e estagiárias, isso era o que mais se aproximava de uma aula de educação física, porém, hoje, já podemos contar com profissionais da área nas creches, como nessa em que eu fiquei por exemplo. No ensino fundamental, desde a primeira série tive aulas de educação física, então nunca mais me vi longe dessa disciplina, acredito que além de já ter essa sede por movimento inscrita em meu DNA, visto que boa parte da minha família também gosta e pratica algum esporte ou alguma prática fitness, outro grande fator que colaborou para que eu não me afastasse foi um grande professor que passou pela minha vida nesses primeiros anos e que aguçou ainda mais o meu desejo pela área do movimento/práticas corporais. Esse homem foi fantástico! O tipo de professor que é lembrado por todos para o resto da vida, um professor de caráter, ética, disciplina, que amava a sua profissão e fazia tudo com amor, respeito, paciência, cuidado e sabedoria. Era daqueles professores de se contar nos dedos quantas vezes tivemos aula-livre e o tal “quarteto-fantástico”, tão citado hoje em dia entre as crianças e adolescentes em período escolar ; estávamos pouco interessados se ele desse aula livre, gostávamos mesmo era das aulas elaboradas que ele planejava, cada aula era uma ansiedade para começar e uma tristeza quando estava perto de terminar, queria eu ficar o dia todo naquela função, naquelas aulas cheias de movimentos, que despertavam sentimentos, nos proporcionavam integração, colaboração, doação. Isso sim é Educação Física!

Depois desse professor, ainda no ensino fundamental, tivemos uma professora, que era mais voltada para o atletismo; ela gostava mesmo era de treinar os alunos no contraturno para serem atletas, conseqüentemente, as aulas dela eram mais voltadas para o esporte, então descobri que salto em altura, corrida com barreiras e salto em distância eu tinha pavor, acabei não gostando muito da professora, muito menos das aulas ministradas por ela, mas sempre estava presente e me dedicando, ainda que eu estivesse detestando, e aí de mim se não participasse das aulas, isso não era escolha, mas sim um dever, de acordo com as regras que tínhamos dentro de casa, as quais eu respeitava e hoje dou o maior valor e sei a diferença que fizeram na minha educação, logo, as minhas notas em educação física eram uma das melhores no meu boletim.

Terminado o ensino fundamental, veio o tão temido ensino médio, temido porque além de eu já saber que viriam conteúdos novos, os quais eu jamais tinha visto no fundamental, eu também iria trocar de escola, onde eu encontraria pessoas completamente diferentes das que eu já estava acostumada a ver e a lidar. Então conheci a educação física do colégio e tenho pouquíssimas lembranças dela, o que predomina em minhas memórias são as tarefas escritas, individuais e em duplas (o legítimo copia e cola da internet que não nos fez aprender coisa alguma), corridas no início da aula como forma de aquecimento, abdominais, aulas livres e o “quarteto fantástico”, predominando os jogos de vôlei, que não poderiam faltar. Nada de novo para mim na época, mas a única certeza que eu tinha era de que eu jamais seria professora, pensando de forma geral, não conseguia me ver na frente e no comando de uma sala de aula, acredito que por ver meus professores sofrerem nas mãos de colegas bagunceiros, alguns (principalmente do ensino fundamental) passavam dos limites com as brincadeiras de mal gosto com os professores, então aquilo tudo me fazia pensar em estar bem longe dessa posição na sociedade só por eu ter presenciado tudo aquilo. Entretanto, o ensino médio foi passando e, junto deste, o distanciamento entre mim e a licenciatura, afinal, eu teria de prestar vestibular e para realizar a inscrição neste eu já deveria saber o que gostaria de ser na vida profissional, mas era certo que a educação física do ensino médio não foi determinante para eu escolher o curso na universidade. Ainda no decorrer do ensino médio, eu comecei a fazer aulas de jump e de localizada em uma academia perto de casa, peguei gosto pela prática e me sentia bem levando este estilo de vida, levava a sério os treinos e as aulas, dava para contar nos dedos as vezes que eu faltava, era tão assídua e sabia todas as coreografias que o professor me chamava de “discípula” dele e, às vezes, deixava eu como substituta quando ele precisava se ausentar por um instante.

Depois de alguns anos praticando aulas de ginástica, resolvi criar coragem e voltar para a musculação, mas ainda assim não deixei as aulas de Jump de lado; depois de me ambientar e pegar o jeito da prática de musculação de academia, eu normalmente treinava de segunda à sábado, inclusive até domingo se eu estivesse empolgada, nem que fosse só uma corrida, ainda mais que eu podia contar com a companhia de uma amiga minha e parceira de treinos, inclusive nos ajudávamos tanto durante os treinos que isso foi despertando meu interesse pela educação física, esse envolvimento diário com a musculação e com esse estilo de vida foi um gatilho para eu começar a me imaginar na posição de profissional da área, o que me levou de fato a buscar o ingresso no curso de educação física ao término do ensino médio.

Essa prática corporal fitness entrou em minha vida quando eu tinha 13 anos e foi através do incentivo dos meus pais, principalmente pelo meu pai, que quando jovem também praticava musculação, já foi atleta de arremesso de peso no clube Sogipa e mantinha uma vida ativa e consideravelmente saudável através da prática de exercícios físicos, sendo assim, ele sempre me incentivou a praticar musculação e foi por aí que eu comecei: treinando, primeiramente, em casa nos poucos equipamentos que tínhamos, sempre com ele me orientando, visto que ele já havia praticado por anos, então ele tinha um certo conhecimento e prática para me passar o que havia aprendido.

Após alguns meses treinando em casa, e ele percebendo que mesmo quando ele não podia me ajudar, por livre e espontânea vontade, eu colocava minha roupa de “física” (era assim como ele chamava a musculação) e fazia meu treino sozinha, então ele decidiu que já era hora de eu ir para uma academia, foi quando aos meus 14 anos iniciei nas aulas de jump, localizada, funcional, e aos 17 anos fui para a musculação, a qual eu permaneci por, no mínimo, 10 anos.

Nessa época eu também era fascinada por aviões caça e helicópteros (ainda sou), meu sonho era fazer engenharia aeronáutica. Lembro que quando pesquisei sobre as opções de curso que a UFRGS disponibilizava nessa área eu fiquei frustrada, descobri que a UFRGS não tinha o curso que eu tanto queria: engenharia aeronáutica, e que somente a federal de Santa Catarina oferecia, então decidi escolher o mais próximo desse, que seria a engenharia mecânica, visto que esse a Federal do Rio Grande do Sul ofertava.

Fiz meu primeiro vestibular da UFRGS em 2012, assim que terminei o ensino médio, só para “testar” meu nível de conhecimento, nível de dificuldade da prova e conhecer o ambiente, para que durante todo o ano de 2012 eu estudasse para passar em engenharia mecânica na prova de 2013, e assim foi o ano todo, estudos e mais estudos, mas sempre

em mente: eu vou fazer engenharia mecânica, vou-me formar, vou atuar na área, e depois quero fazer o curso de educação física como hobby, pensava em ser personal trainer nos dias e/ou horários vagos do trabalho como engenheira para me sentir completa porque as duas áreas me encantavam.

Então fui estudando e depois de ter feito o vestibular de 2014 eu decidi que não iria mais tentar para engenharia mecânica, iria dar um tempo, já estava esgotada de passar anos estudando e não ser aprovada, porém, minha mãe não desistiu de mim e me incentivou durante todo aquele ano a prestar vestibular novamente em 2015; mesmo contrariada o ano todo eu fui, fiz a prova e passei, só que agora para educação física e, acreditem, para licenciatura. Sim, porque eu gostava muito de crianças também, o tanto que eu gosto de crianças fez-me imaginar trabalhando em algo que as envolvessem, então decidi que faria licenciatura, porque me dei conta que através dela isso seria possível: trabalhar com a educação infantil, e que se tudo desse certo eu também faria bacharel, pensando naquela parte em me sentir completa, fazer por hobby.

Entretanto, durante o curso, apesar de eu gostar muito de crianças e me imaginar trabalhando com elas e com a educação física depois de formada, mais especificamente até o segundo semestre, esse meu interesse ainda estava muito forte dentro de mim, hoje já não tenho essa ideia como prioridade para a minha vida e meus interesses foram mudando ao longo do curso por diversos motivos, ou seja, embora eu continue achando incrível a licenciatura, hoje meu objetivo é trabalhar com as práticas corporais fitness, e um dos principais motivos pelo qual desapeguei da licenciatura foi basicamente por lembrar do período em que treinei como “um rato de academia” e pelo meu ingresso em um Studio de musculação, aonde eu pude aperfeiçoar tudo o que eu já havia aprendido até ali, tanto da minha prática em musculação quanto dos conteúdos aprendidos no curso de educação física.

Meu respeito pelos profissionais da licenciatura e pela área em si continua o mesmo, portanto, quero deixar claro que em momento algum deixei de considerá-la uma possibilidade de formação nobre, pelo contrário, apenas deixei de ter a docência como prioridade e de ser o meio pelo qual buscaria meu sustento. A minha passagem pelo curso de licenciatura em Educação Física, mesmo tendo direcionado minhas práticas, atuações e estudos para o bacharelado, levaram-me a uma compreensão da área mais abrangente, inclusive me ajudando em lidar com situações profissionais fora do ambiente escolar.

2. DISCIPLINAS DE FUNDAMENTOS

2.1 FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL

Quando entrei para a faculdade tinha o pensamento firme em que só trabalharia com as crianças pequenas após minha formação em licenciatura, pois na minha visão levemente traumatizada, com base na minha experiência pessoal de aluna do ensino fundamental, os pré-adolescentes ainda estavam dando trabalho para os professores do mesmo jeito que os meus colegas do ensino fundamental davam para os nossos professores na época (no 6º e 7º ano tive as piores referências de colegas e alunos, aqueles bagunceiros que sempre davam o que falar nas reuniões de Conselho de Classe) mas, de novo, esses pensamentos foram dando lugares a outros, pois, quando passei a fazer trabalhos da faculdade de algumas disciplinas que exigiam que eu entrasse no âmbito escolar, desde a pré-escola até o ensino médio para que pudéssemos ir nos familiarizando com o ambiente no qual trabalharíamos, para começarmos a ter noção do que estava sendo dito e trabalhado em aula, para que não houvesse estranhamento da nossa parte com a relação entre teoria e prática, isso me fez ver de pertinho como realmente acontecia essa teoria na prática, o que é essencial para que as informações passadas em sala de aula sejam fixadas em nossas cabeças, que haja aprendizado. Portanto, eu estava vendo com as lentes de uma professora em formação que estava sujeita a passar por mudanças de pensamentos e visões a qualquer momento por influência dos meios.

Em algumas cadeiras, como por exemplo a de Fundamentos da Educação Física no Ensino Infantil, temos a oportunidade de fazer trabalhos de campo, de irmos para dentro das escolas ver de pertinho os bastidores de como tudo acontece. Em uma das aulas de fundamento infantil a professora descreveu um dos trabalhos que tínhamos de fazer, na hora lembrei da creche em que eu fiquei quando pequena. Então, na mesma semana, liguei e agendei minhas observações e atividades nessa mesma creche.

Quando fiz a primeira visita à pré-escola, fiquei encantada porque além de eu ter reencontrado algumas professoras e funcionárias da minha época, eu também estava indo observar e colocar em prática aquilo que eu estava aprendendo no curso de educação física; nesse espaço, através de conversas com as professoras e observações que fiz do ambiente pude ter uma ideia do que é passar quase uma vida toda envolvida com o ensino infantil.

A escola me recebeu super bem, a diretora se mostrou estar à minha disposição quando precisasse, inclusive respondeu algumas perguntas que fiz antes de ir embora da segunda visita, também pude reencontrar com pelo menos 4 mulheres, para minha surpresa e alegria, que fizeram parte da minha infância e do meu irmão, que também passou seu ensino infantil nessa mesma creche. As mulheres eram 3 professoras e 1 funcionária, todas nos reconheceram, não de imediato, mas quando falamos o nosso sobrenome elas automaticamente lembraram porque naquela época nos chamavam pelo sobrenome. Uma dessas professoras, que é a tutora do maternal 2, foi minha professora quando eu estudei na creche, ela disse ter adorado a minha presença, “assim como as crianças”. Foi na turma dela e com ela que eu fiz esse trabalho à campo para a cadeira de fundamentos infantil.

Minhas visitas eram das 14:45min às 17hs; na primeira visita, as crianças demoraram alguns minutos para se soltarem comigo, entretanto, na segunda visita, quando a professora os lembrou de quem eu era e perguntou se eles lembravam de mim, a maioria começou a se aproximar e conversar comigo, em especial três meninas, que ficaram quase o tempo todo juntas a mim, querendo-me dar a mão, dando-me beijos, abraços, sendo muito carinhosas e atenciosas, isso tudo foi construindo dentro de mim um carinho ainda maior pelos pequenos, uma vontade grande em fazer a diferença na vida deles através da minha formação.

Nesse primeiro dia de visita, as crianças ficaram o tempo todo dentro da sala porque alguns galhos de uma árvore haviam caído no pátio dos fundos aonde estava a pracinha que os alunos dos maternais usam para brincar, então a professora deu massinha de modelar pra eles brincarem por uns 30min - 40min no lugar do tempo livre que passariam nesse pátio, depois brincaram por mais uns 5min com os bonecos e bonecas que continham em uma caixa de brinquedos até a hora deles irem jantar, que era em torno das 16:30min, isso aconteceu enquanto eu observava as crianças e conversava com a professora sobre a rotina deles na creche; assim, chegou a hora da janta.

Todos guardaram os brinquedos a pedidos da professora, sentaram em forma de círculo de frente enquanto a professora ia passando com o álcool gel nas mãos de cada um para que fizessem a higiene; fizeram uma coluna, todos de mãos dadas, alguns brigando porque queriam me dar a mão, e fomos para o refeitório aonde, um de cada vez, pegavam seu prato e a professora ia auxiliando no servir a comida e cada um ia sentar para comer, ao final da janta, quem estivesse com sede poderia pegar água para beber. Na volta para a sala, os alunos, da mesma forma que foram para o refeitório, voltaram para

arrumar suas coisas para esperarem os familiares, no caso, já era próximo das 17hs e era chegada a hora de irem para as suas casas.

A saída deles da escola se dava através da vinda do familiar, ou responsável, até a porta da sala, então a professora reconhecia estes e entregava as crianças juntamente com os seus pertences, caso precisasse conversar sobre o dia de tal criança, nesse momento, elas aproveitavam para discutir sobre o assunto com o responsável.

A escola contava com a presença de um professor de educação física pelo menos uma vez na semana, o que na minha época, nessa mesma creche, não acontecia porque todas as atividades eram dadas pelas próprias professoras e estagiárias. Perguntei à professora se todos os alunos participavam das aulas dadas por ele e ela me disse que quase todos, com exceção de uma menina.

Uma situação que me chamou muito a atenção foi que ao perguntar sobre as aulas dadas por esse professor, a professora e a diretora da escola tiveram respostas e visões divergentes: a professora tutora disse que o professor de educação física aparecia esporadicamente, pois ele fazia cursos, alguns estudos na UFRGS e que ele estava tentando entrar no mestrado, ela também relatou que ele aparentemente não estava ligando muito para o aprendizado e desenvolvimento motor das crianças porque costumava deixá-los mais livres para fazerem o que quisessem, ou seja, eram dadas mais aulas livres do que algo do plano, e nitidamente não lhes eram oferecidas atividades que fossem aprimorar as habilidades motoras fundamentais.

Entretanto, quando conversei com a diretora, ela disse o oposto da tutora: o professor sempre estava presente, dava as aulas como deveriam ser dadas, segundo o plano, mas que 1 vez no mês ele tinha autorização da Secretaria Municipal de Educação (SMED) para se ausentar da escola e ir a esse tal curso que ele fazia, e que de vez em quando a escola o liberava para ir até a UFRGS para dar continuidade em seus estudos. Não me recordo com exatidão quantos dias no total fui à creche, mas cada vez que eu ia era um aprendizado, e o carinho pelo ensino infantil ia reacendendo dentro de mim porque além de eu estar vendo na prática como é o trabalho dos profissionais, eu também pude “colocar a mão na massa”, pois fazia parte do trabalho de campo dar uma aula para as crianças, participar efetivamente.

Em uma das visitas, fiquei observando como a professora atuava e como os alunos se comportavam, e me chamou atenção que no meio de umas 15 crianças tinham dois, uma menina e um menino, que aparentavam ter algum déficit de atenção, o menino quase não atendia aos chamados e ordens da professora, e a menina parecia não conseguir se

concentrar nas atividades, era bem quieta e gostava de ficar mais próxima daqueles que ela parecia se sentir mais segura, então relatei à professora ter observado que havia algo diferente naquelas crianças e perguntei se os pais haviam comentado algo com elas, ela me disse que as professoras já haviam notado e comentado sobre terem percebido o mesmo que eu, porém, os pais de ambos pareciam saber, mas não entravam em detalhes com a creche.

Apesar de as professoras saberem do quadro, ainda assim, o tratamento dado pela tutora era idêntico, às vezes tratava de forma um pouco mais ríspida, em outros momentos era carinhosa e pegava-os no colo. Percebi que era o jeito dela e eles já estavam acostumados com aquele estilo, não ligavam quando ela aumentava o tom de voz para pôr ordem na sala, eles a respeitavam, inclusive as outras professoras a chamavam para colocar ordem em suas turmas quando perdiam o controle da mesma, então, do mesmo jeito que ela lidava com as suas turmas – com uma postura mais firme que ela tem, alterando um pouco a voz – ela retomava a ordem. Ao longo de todas essas visitas, e a vivência dentro daquele contexto, passei a me questionar a respeito da atuação naquele cenário de prática. Apesar do pouco tempo de caminhada no curso, passei a ter uma série de dúvidas e receio de não ser exatamente aquilo que eu queria para a minha carreira vieram à tona, mas segui em frente, confiante que chegaria até o final da licenciatura, que tudo isso deveria servir como aprendizado para mim.

Trabalhos dessa natureza ampliam nossa visão sobre a área, nos fazem enxergar o campo com outras lentes, a pisar em outros territórios, nos colocando no lugar de quem tem uma responsabilidade de conduzir um grupo de pessoas, nos mostra o leque amplo de opções de atuação no campo da educação e o quão enriquecedoras são essas visitas em outros espaços, ainda mais no início do curso.

Em algumas aulas desta mesma cadeira, trabalhamos com a ideia do Brincar Heurístico (FOCHI, 2018), que basicamente se trata de nós, adultos, não intervirmos no explorar dos bebês, no brincar das crianças, ou seja, os adultos que estiverem presentes nesses momentos podem disponibilizar instrumentos e objetos para que esses bebês desenvolvam as habilidades necessárias e apenas os observem como se comportam diante do que foi entregue à eles, inclusive há a proposta do “Cesto de Tesouros”, que consiste em disponibilizar um cesto, ou uma caixa, onde é colocado alguns utensílios domésticos, objetos de várias formas, texturas, espessuras, tamanhos, onde também são colocadas folhas, galhos e outras formas encontradas na natureza por exemplo, para que esses bebês

e crianças experimentem de tudo um pouco e criem suas próprias atividades a partir do que foi disponibilizado à eles; o intuito é instigar a criatividade das crianças.

Conteúdos como esse, o Brincar Heurístico, nos preparam e nos tornam mais cautelosos para os momentos de prática e intervenção. A partir desse conteúdo pude pensar melhor enquanto estive dentro da creche, pois é no campo de trabalho que conseguimos enxergar, identificar e colocar em prática o que foi trabalhado em sala de aula, sem essas experiências, muitas vezes, torna-se difícil termos noção e até mesmo entendermos o que a teoria nos traz, principalmente para aqueles que não têm convívio, ou proximidade com crianças, como já vi acontecer com um colega de curso, o qual tinha bastante dificuldade de interpretar a parte teórica e só foi realmente ter um pouco de noção quando foi à campo, justamente por esse ponto: não ter convívio e nem contato com crianças.

Nos primeiros dias que estive na creche foi para observação, então pude pensar sobre essa questão do brincar heurístico enquanto observava as crianças e as professoras. De forma geral, as professoras não se envolvem nas brincadeiras, a menos que haja algum risco de as crianças se machucarem ou de elas machucarem alguém, caso contrário, ficam somente observando e só vão intervir em atividades propostas por elas que tiverem algum objetivo a ser alcançado. Pude observar também o quão longe eles vão com o pouco que têm, ou seja, podem ter meia dúzia de brinquedos ou objetos e já é o bastante para eles criarem situações e brincadeiras que os levam para outro mundo, e se tiver mais de uma criança a história já muda, o que inventarem agora, em minutos, torna-se uma nova história e pode mudar o rumo da brincadeira, criam outra, acrescentam personagens, tiram personagens e as mentes férteis vão além do que podíamos imaginar e tudo se torna tão rico em detalhes.

Cadeiras como essas são divisoras de águas na vida dos alunos, pois lembro-me dos colegas que gostariam de estar no bacharel, e em sua grande maioria, são os que não suportam estar presentes nas aulas que nos aproximavam ou nos colocam cara a cara com a licenciatura, como esta. Por outro lado, há cadeiras que transitam um pouco nestes dois hemisférios, apesar de ainda tenderem para o bacharel, como a Cinesiologia, a Fisiologia, a Biomecânica; particularmente, estas foram as cadeiras que eu mais gostei de fazer, inclusive, dificilmente eu me distraía, era tão interessante para mim que eu tinha fome de aprender mais e sempre procurava sanar minhas dúvidas nem que fosse no final das aulas.

Os semestres seguintes continuaram sendo de muito aprendizado e de desafios, um destes foi na cadeira de Fisiologia do Exercício, pois o professor, de vez em quando,

fazia algumas falas um tanto quanto polêmicas, expunha suas opiniões a respeito da vida de acordo com a forma como ele a enxergava, fazia comparações e comentários às vezes desnecessários. Embora eu gostasse muito do conteúdo trabalhado por ele, tive bastante dificuldade para completar essa cadeira porque essas questões, de alguma forma, afetaram-me direta e indiretamente. Apesar destas questões terem me chateado a ponto de eu quase trancar a cadeira para que o meu aprendizado não fosse ainda mais prejudicado, eu continuei e tentei de muitas formas tirar o máximo de proveito daquilo que eu conseguia absorver em aula e os demais conteúdos, os quais eu tinha mais dificuldade, eu buscava ajuda de um colega que já era formado em biologia inclusive e que compreendia bem tudo o que era passado em aula por esse professor. Até hoje, interessei-me pelo conteúdo que essa cadeira abrange, afinal, ela é clássica no curso de bacharelado em educação física, visto que eu me interessei muito por essa formação após a conclusão do curso de licenciatura. Essa cadeira é uma área da ciência que nos faz entender o funcionamento do corpo durante o treinamento, o que ocorre nas células durante um treinamento de força, durante um treino aeróbico, por exemplo, e seus efeitos antes, durante e após o exercício físico, ela é tão importante para um licenciado quanto para um bacharel em educação física porque estaremos lidando com pessoas, com diferentes organismos e metabolismos, logo, para trabalharmos nessas áreas, precisamos ter conhecimento sobre como esses se comportam.

2.2 FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Confesso que de todas as etapas deste TCC, escrever sobre fundamentos da EFI no fundamental foi a parte mais difícil para mim. Ao refletir sobre essa etapa, dei-me conta de que não me recordava do professor ministrante da cadeira, então, dias se passaram e a cada dia eu fazia mais força para lembrar, mas não vinha à memória, o que me deixava extremamente intrigada a ponto de pensar: será que eu não fiz essa cadeira? Não é possível que eu não consigo-me lembrar do rosto do professor! Todas as cadeiras que eu fiz durante o curso eu consigo lembrar de cada professor, mesmo os temporários, consigo-me lembrar de momentos de cada cadeira, inclusive. Um dia, sem querer, achei o nome do professor em um documento (Plano de Ensino) da cadeira, entretanto, eu continuava sem lembrar dele em sala, dando aula, até que, conversando com meu orientador, deu-me a luz de que talvez o professor responsável, na época, tivesse sido

substituído por outro professor, então, sosseguei porque acreditei que realmente isso poderia ter acontecido.

Depois de ter lido alguns documentos a respeito dessa etapa, veio em minha mente algo que li e que faz relação com o meu esquecimento do professor que ministrou as aulas: como esse professor conseguiu ministrar tantas aulas ao longo de um semestre e hoje não ser lembrado? O que aconteceu ao longo das aulas e do tempo para que eu não lembrasse dele? Como ele se portou em sala?

Ao perguntar para os meus colegas, da mesma barra, quem foi o professor da cadeira, ninguém conseguiu me ajudar também. Isso é no mínimo triste, e não falo isso com intuito de criticar o professor, mas com intenção de refletir a respeito, de pensar quais estratégias tomar quando for a nossa vez de ministrar nossas aulas para que não passemos em branco na vida dos alunos, para que deixemos um legado, para que a Educação Física não só marque momentaneamente a vida dos alunos, mas que eles a levem para fora da escola, para a vida. É bem verdade que eu já estava numa fase do curso que o bacharelado me chamava mais atenção do que a licenciatura, o que pode ter contribuído para o meu esquecimento.

Para que a gente possa marcar a vida dos estudantes, mesmo que estes não tenham interesse imediato nos temas que ministramos, devemos estar atentos ao ambiente escolar em que atuaremos, atentos aos tipos de cultura em que entraremos em contato, não só do ambiente escolar de modo geral, mas principalmente dos alunos, pois a maior parte do tempo nosso contato será direto com eles, portanto, estejamos atentos à eles, porque o nosso foco devem ser eles.

Um ponto de partida importante que nos atentamos nessa cadeira para que pudéssemos entender o contexto do ensino fundamental foi sobre a pergunta: o que é a educação física na escola? Segundo o livro *Afazer da educação física na escola: planejar, ensinar, partilhar*:

Trata das possibilidades de movimento dos sujeitos, representações e práticas sociais que constituem a cultura corporal de movimento, estruturada em diversos contextos históricos e, de algum modo, vinculadas ao campo do lazer e da saúde (FRAGA; GONZÁLEZ, 2012, p.43).

De acordo com o livro: *Educação Física como planejar as aulas na educação básica*:

Ela se ocupa da sensibilidade, da motricidade, do lúdico, da estética, das emoções. E por isso mesmo, por cuidar das coisas que dizem respeito ao corpo, ela sofre preconceitos no ambiente escolar, pois que a Educação Física não foi criada para cuidar das pessoas, como anda a pretender, mas apenas do corpo delas. Ela inclui em seu campo de atuação o trabalho, na forma de estudos e aplicação dos exercícios motores, aquelas rotinas de tarefas responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção de capacidades como força, agilidade, flexibilidade, velocidade, sensações etc. (CAMPOS, SCARPATO, 2024, p.8-9).

Trabalhado alguns pontos como esses acima, nós, estudantes de licenciatura de educação física, podemos começar a entender como se dava, e se dá, a educação física escolar no ensino fundamental, então outros pontos importantes foram trabalhados nessa disciplina como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), Plano Nacional de Educação (PNE).

Em 2015, o governo federal anunciou que um documento havia sido criado para servir como base para a elaboração dos currículos em todas as escolas de educação básica do Brasil; esse documento, então chamado Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já estava previsto no Plano Nacional de Educação (PNE). Em 2017, foi lançada a terceira versão desse documento com alterações na Base do ensino infantil e do fundamental, as quais implicaram antecipação da alfabetização: do terceiro ano para o segundo ano, e a remoção do ensino religioso como uma área específica (MEC, 2017).

Como forma de guia, como um norte para os professores e para a comunidade escolar, podemos contar com a BNCC e com o Referencial Curricular Gaúcho para a produção das atividades educacionais escolares no nosso estado. A BNCC está estruturada de maneira que evidencia as competências a serem aprendidas pelos alunos em sua educação básica, em seu tempo de escolaridade (da educação infantil até o ensino médio). Podemos perceber que há uma divisão por etapas, as quais são: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Na página que fala a respeito da transição da educação infantil para o ensino fundamental, é bastante relevante um trecho em que diz que é importante garantir a “integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos” (BNCC, 2018, p. 49).

“Integração e continuidade”, essa é a parte que seria perfeito se colocado em prática pelos professores e se não houvesse intercorrências e interferências no processo

de educação dos alunos como a falta de um professor em uma determinada disciplina, por exemplo, mas como sabemos que não temos o controle de absolutamente nada e nem tudo sai conforme o planejado e o desejado, algumas coisas acabam ficando para trás, outras passam batidas e nem tudo o que os alunos deveriam aprender lhes é ensinado. Isso me faz lembrar do meu tempo de escola, quando passávamos de um ano para o outro, ou quando um professor substituía outro e chegava querendo dar sua aula como se o professor anterior já tivesse passado o conteúdo que previa o que eles iriam ensinar, entretanto, os alunos imediatamente ficavam com caras de paisagem, sem entender nada e imediatamente avisavam ao professor que não tinham noção do que aquilo que ele queria passar se tratava, então vinha a pergunta deste: o professor anterior não passou para vocês o conteúdo tal? Vocês ainda não viram esse conteúdo? E normalmente isso vinha acompanhado de uma cara de espanto e desgosto desse que perguntava.

Assuntos como esse também fazem parte da formação de um professor de educação física, assuntos que nos fazem refletir não somente sobre nosso tempo de escola, mas como seremos como profissionais, são histórias e profissionais que estão sendo formados, esses assuntos também auxiliam na formação de caráter, ética, profissionalismo, nos ensina também a ter jogo de cintura, nos ajuda a resolver problemas, contornar situações, a ir atrás de informações, e essa é também uma parte importante para o convívio e manutenção do coleguismo no ambiente escolar, pois nossa relação com nossos colegas professores também influencia nas aulas que iremos planejar e aplicar.

O trabalho de um professor dentro da escola não se limita à sua formação específica, pois estamos lidando com seres humanos, os quais estão sendo formados também através de outras formações, outras culturas, então, deveríamos nos atentar a esse todo, a esse conjunto de profissionais que estão colaborando para a construção desses alunos. Juntamente com essa percepção, podemos relacionar a ideia que nos traz Fraga e González (2012) sobre essa conexão que um professor de educação física deve ter com os demais professores em ambiente escolar para que haja uma melhor comunicação com os alunos, para que seja transmitido os conteúdos da melhor forma possível para eles, ou seja, o trabalho interdisciplinar.

Por meio dessa perspectiva, os professores podem, e devem, partilhar suas experiências e conhecimentos em suas áreas de atuação para que seja pensado coletivamente em propostas que articulem todas as disciplinas de uma escola para que os alunos sejam beneficiados, ou seja, ela incentiva a comunicação entre os educadores, entre as disciplinas, para que o ensino dessa escola tenha os alunos como centro do

processo de ensino-aprendizagem. O texto de Fraga e González (2012) também mostra o que normalmente os professores de educação física fazem quando o assunto interdisciplinaridade surge, pois quando é trazido um tema específico para que as disciplinas trabalhem de forma articulada, o professor de educação física parece não se sentir tão à vontade para encaixar a sua disciplina em temas transversais, deixando passar a oportunidade de pensar no que a sua formação pode agregar, pois prevalece uma noção de que suas aulas não têm perfil interdisciplinar e acaba não assumindo esse compromisso, abrindo espaço para que outras disciplinas usem do seu tempo de aula para trabalharem de forma integrada, sem, portanto, a colaboração da educação física.

Então, por meio desta disciplina de Fundamentos do Ensino Fundamental, nós da licenciatura da Educação Física, podemos entender melhor por onde um professor de educação física de ensino fundamental pode começar a projetar suas aulas de forma interdisciplinar, podemos contar não somente com a BNCC, Referencial Curricular Gaúcho ou até mesmo com o Plano Político Pedagógico da própria escola, mas também tal como os autores Fraga e González (2012), aproveitar as oportunidades de trabalho conjunto que muitas vezes aparecem nos planejamentos coletivos em ambiente escolar.

O Referencial Curricular Gaúcho (2018, p. 111) traz as competências específicas da educação física a serem trabalhadas no ensino fundamental. Na página seguinte, há uma tabela de Componente Curricular, dividida em Ano/Faixa, Unidades Temáticas, Objetos de Conhecimento, Habilidades BNCC, Habilidades RS. A tabela começa com os anos iniciais, indicando as Brincadeiras e Jogos como Unidade Didática, Brincadeiras e Jogos da Cultura Popular como Objetos de Conhecimento, Experimentar, Fruir e Recriar em Habilidades BNCC e Habilidades RS, logo, para cada etapa de ensino há um trabalho específico a ser feito. Em algum momento das cadeiras de fundamentos, o professor pedia que realizássemos pelo menos um trabalho com uma tabela parecida com essa de Componente Curricular, onde trabalhávamos com algumas hipóteses, sugestões do professor ou apenas a nossa própria criatividade para criar um ambiente escolar para encaixarmos nessa tabela, então, ao longo do semestre, tínhamos essa parte prática para experimentarmos e treinarmos o que futuramente nos aguardava.

De acordo com a BNCC, que também compartilha uma tabela parecida com esta do Referencial Curricular Gaúcho, porém ela inicia com Componente, que é preenchido com Educação Física, e ela acaba em Habilidades, mas há a parte de Comentário e Possibilidade para o Currículo que é destinada ao Redator de Currículo como material suplementar. Os anos são divididos em: 1º e 2º, 3º ao 5º, 6º e 7º, 8º e 9º. Essa tabela

deve ser consultada pelos professores para que eles saibam o que fazer, pois ela aborda cada etapa do ensino e o que deve ser feito em cada uma delas detalhadamente.

Já de acordo com os autores Fraga e González (2012), mais precisamente na página 48, podemos nos familiarizar com os ‘Mapas’ dos temas estruturadores da educação física dos anos finais do ensino fundamental, ou seja, por meio desses Mapas vamos encontrar de forma detalhada e organizada as competências e os conteúdos a serem desenvolvidos pelos professores da disciplina. O Mapa começa por desmembrar a Educação Física em duas partes: Práticas corporais sistematizadas e Representações sociais sobre a cultura corporal de movimento. As Práticas corporais sistematizadas se ramificam em Esporte, Ginástica, Jogo motor, Lutas, Práticas corporais expressivas, Atividades aquáticas e Práticas corporais junto à natureza. As Representações sociais ramificam-se para Práticas corporais e sociedade e para Práticas corporais e saúde, e assim o Mapa vai se ramificando. É importante destacar que os mapas utilizados nesta obra são inspirados nos mapas utilizados no Referencial Curricular do Rio Grande do Sul – Lições do Rio Grande, publicado pela Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul em 2009, escrita pelos mesmos autores do livro Afazeres da Educação Física na Escola.

Das práticas corporais sistematizadas o que mais se aplicava, e se aplica até os dias de hoje, é o Esporte. Estive conversando com alguns adolescentes, filhos de amigos e conhecidos, no ano de 2023 e perguntei como eram as aulas de educação física deles, e de modo geral me relataram que nas aulas do ano letivo são ensinados os Esportes e algumas aulas são ‘liberadas as bolas’ para eles usarem o tempo de aula da forma como quiserem, ou seja, a famosa aula livre, onde alguns jogam futebol, outros vôlei, outros basquete, e o restante fica sentado conversando, observando os demais colegas que estão em atividade, ou apenas usando o tempo de aula para ficar no celular.

Na minha época de escola, o que se aplicava predominantemente era o Esporte, sem sombra de dúvidas, a Ginástica eram umas 2 aulas no máximo, o Jogo motor era mais praticado nas gincanas, as Lutas nem passávamos perto, as Atividades aquáticas então, nem se falava, assim como as Lutas e as Práticas corporais junto à natureza, até enquanto estive na creche éramos levados para a Acopam esporadicamente, mas durante todo meu ensino fundamental e médio nunca tivemos uma aula sequer de Práticas corporais junto à natureza como tínhamos na creche, que apesar de não terem sido oficialmente aulas de educação física no espaço, eram junto à natureza pelo menos.

A Acopam era tipo um clube que fica próximo à essa creche, lá é um espaço bem arborizado, com pracinha, piscina, área coberta para churrasco, salão de festas, quadra de

futebol, e a entrada era para sócios e acredito que, no caso da creche, com agendamento do espaço da pracinha somente.

Hoje, finalizando o curso de Educação Física, fico me perguntando: o que houve com essas gerações passadas e, na grande maioria, atuais de professores que resumiram suas aulas a Esportes e Aulas Livres? Por que não se empenhavam em buscar por algo novo? Seria por acomodação? O que sei é que há anos existem materiais para nos auxiliarem na estruturação e construção das aulas, é uma pena que esses professores tenham abandonado o vigor da profissão e tenham se entregado ao mais fácil e prático, tanto para eles quanto para os alunos.

Tantos assuntos, que aprendemos durante o curso de educação física, podem e devem ser trabalhados nas aulas que iremos preparar e ministrar para os alunos quando estivermos exercendo nossa profissão. Assuntos das cadeiras de Anatomia, Biomecânica, Exercício Físico, Bioquímica Básica, são ótimos exemplos e tem um leque de opções dentro de cada uma para encaixarmos não somente em nossas aulas, como também nas Atividades Interdisciplinares quando estas surgirem, pois a nossa disciplina poderá conversar com as demais, podendo, assim, mostrar o quão importante e essencial é a disciplina de Educação Física nas escolas, sem contar com o restante do trabalho e bom empenho que devemos ter ao longo de todo ano letivo.

A cadeira de Anatomia conversa com as disciplinas de Ciências e Arte, a cadeira de Biomecânica conversa com a Matemática e, futuramente, com a de Física, e as cadeiras de Exercício Físico e Bioquímica Básica também conversam com a disciplina de Ciências e com História.

A cadeira de Exercício Físico foi uma das que mais me chamou atenção durante o curso, pois aguçava o meu lado Bacharel, e sempre que via a oportunidade de encaixar os aprendizados que obtive nesta disciplina, tanto no mundo Fitness em algum trabalho à campo, quanto em trabalhos escolares que nos exigiam a montagem de um Plano de Aula, ou até mesmo apresentar, na prática, alguma aula criada para alguma cadeira, eu sempre me valia dos saberes que desenvolvi naquela disciplina.

Essa minha inclinação me fazia pensar a respeito do que eu queria para a minha carreira, porque via nitidamente o meu interesse maior pela temática dos exercícios físicos, e quando eu os incluía nos Planos de Aula para as atividades práticas em escolas, ficava pensando nas grandes possibilidades que eu teria como professora de aplicar tudo o que eu aprendi, pensava que as aulas que eu iria planejar para os meus alunos seriam com muita prática do meu mundo Fitness, pensava no quanto eu poderia ensiná-los e

influenciá-los através das experiências que tive até entrar na faculdade e também com as que aprendi durante a faculdade, com cadeiras específicas sobre o assunto.

Minha intenção era ajudar a enriquecer os conhecimentos dos estudantes para que eles pudessem, fora da escola, utilizar os conhecimentos para uma melhor escolha sobre essa prática tão enraizada em nossa cultura corporal, gostaria que isso fosse possível a ponto de mudar a vida deles, de levar saúde física, saúde mental, autoestima para a vida deles. Todavia, lembrava-me de que a educação física não se resumia apenas ao meu mundo fitness, pois existe um leque enorme de oportunidades para eles experimentarem no âmbito das práticas fitness, e eu, como professora, seria a responsável por mostrar tudo isso a eles.

Assim como deve ocorrer com outros colegas da área, há certos conteúdos que a BNCC aponta como relevantes para a aprendizagem que eu não me interessava muito em trabalhar, contudo, o centro da relação ensino-aprendizagem são os alunos, e mesmo não tendo tanto interesse em um ou em outro tema, como a Ginástica por exemplo, buscaria elementos didático-pedagógicos para ensinar o tema, pois se está na BNCC os alunos têm o direito a aprender, independentemente do gosto ou nível de conhecimento do professor.

Outro elemento que aprendi ao longo do curso de licenciatura é que a educação física, quando bem aplicada nas escolas, é a única disciplina que acaba utilizando na maior parte do tempo os espaços da escola ao ar livre, fora da sala de aula, com maior potencial de contato interpessoal e com a natureza.

Alguns livros me ajudaram a conectar os conteúdos e ideias que foram trabalhados dentro de algumas disciplinas do curso, como essa de Fundamentos do Fundamental, por exemplo, com a realidade que eu posso encontrar não somente nas escolas, no âmbito da minha profissão como professora, mas também na vida.

As autoras Jéssica e Iben (ALEXANDER; SANDAHL, 2016) são um exemplo desses livros. Elas trazem um alerta para os pais sobre como as brincadeiras, tempo livre para as crianças, as quais podem ajudá-las a resolverem problemas, tornarem-se adultos resilientes, com menos tendência a terem depressão e transtornos mentais através desse tempo que não deveríamos tirar delas: o tempo de serem crianças, tempo para brincar, tempo para inventar, tempo para criar.

O livro traz essa ideia para refletirmos sobre o que estamos fazendo com a infância das crianças, traz também estudos onde foram “medidos” uma correlação entre quantidade de brincadeiras e sua habilidade no enfrentamento de problemas e foi concluído que sim, “havia uma correlação positiva direta entre a quantidade de

brincadeiras e a capacidade de enfrentar problemas” (ALEXANDER; SANDAHL, 2016, p. 29).

Outra experiência foi trazida no livro para investigar essa mesma relação citada acima, entre tempo de brincadeira e resolução de problemas, todavia, nesse estudo foram avaliados adolescentes do sexo masculino, e mais uma vez os pesquisadores encontraram a mesma resposta: há uma relação positiva entre os dois, que brincar é benéfico, ajuda a “melhorar as competências de enfrentamento, principalmente a capacidade de se adaptar e abordar problemas e metas de maneira mais flexível” (ALEXANDER; SANDAHL, 2016, p. 29). As autoras também nos contam como é tratada a infância na Dinamarca: com prioridade, ou seja, o tempo para as crianças brincarem é levado à sério, inclusive, nas escolas Dinamarquesas, existem programas específicos para incentivar a capacidade de aprendizado dos estudantes por meio dos esportes, jogos e exercícios.

Um desses programas se chama Patrulha do Jogo e foi pensado para os alunos de primeiros anos do Ensino Fundamental com auxílio de alunos mais velhos. Os programas são coordenados pelos próprios alunos para que eles se engajem e tenham o máximo de comunicação possível entre eles, estimulando até mesmo os mais tímidos e introspectivos, além de “causar uma forte redução do bullying e desenvolver as habilidades sociais e o autocontrole” (ALEXANDER; SANDAHL, 2016, p. 30).

2.3 FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Nesta disciplina temos como grupo prioritário os adolescentes, seus aspectos físicos, psicológicos e sociais, também estudamos sobre o meio ao qual eles estão inseridos: a escola; sobre esta, trabalhamos predominantemente em cima da BNCC. Ao longo do semestre fomos aprendendo mais sobre a fase de adolescência e relembrando a mesma, uma vez que já passamos por ela e, além disso, aprendendo sobre como e o que ensinar para alunos nessa faixa etária.

O semestre foi dividido em 4 blocos pelo professor: o 1º bloco tratava sobre adolescência em uma visão geral e seus aspectos físicos, psicológicos e sociais, sobre a escola, o ensino médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O 2º bloco tratava sobre conteúdos e possibilidades para o ensino médio, planejamento, plano de ensino e plano de aula. O 3º bloco tratamos sobre esportes coletivos, individuais, lutas e ginásticas, e o 4º e último bloco foi sobre educação de jovens e adultos e esporte na escola (alto rendimento, saúde etc.). Portanto, farei um resumo de cada bloco a seguir.

1º BLOCO:

Uma pessoa é considerada adolescente quando esta se apresenta entre a faixa etária de 12 anos à 18 anos segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990. A adolescência representa a transição da infância para a fase adulta, por ela, os adolescentes passarão por mudanças, as quais implicam abandonar alguns costumes e assumir novos hábitos, estes já direcionados para a fase adulta (MONTADA; OERTER, 2002, tradução própria).

As grandes mudanças no aspecto físico de um adolescente ocorrem na puberdade e, mediante a uma avaliação como a do britânico James Tanner, de 1960, o adolescente pode se encaixar em uma escala de 1 a 5, de pré-púbere à pós-púbere. As instituições de ensino que esses adolescentes podem frequentar são as privadas ou públicas, municipais, estaduais, ou federais, sendo estas: escola-internato, colégio de aplicação, escola religiosa, colégio militar, instituto federal. As escolas privadas são mantidas por pessoas físicas ou jurídicas, já as escolas públicas são administradas pelo poder público através de órgãos como a Secretaria Municipal de Educação (SME), Conselho Municipal de Educação (CME), Secretaria Estadual de Educação (SEE), Conselho Estadual de Educação (CEE), Delegacia Regional de Educação (DRE), Subsecretaria de Educação, Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Educação.

O Novo Ensino Médio, que sofreu alterações com aprovação da Lei N° 14.945, de 31 de Julho de 2024, antes com carga horária de no máximo 1.800 horas, agora com uma carga horária de 2.400 horas para formação geral básica e mais 600 horas para cumprimento da parte flexível, também conta com a definição dos componentes curriculares que constam nas quatro áreas do conhecimento que integram a Base Nacional Comum Curricular (Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) para garantir clareza e interdisciplinaridade; o novo currículo também foi pensado e direcionado para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A BNCC, para chegar ao seu ponto atual, precisou passar por três versões: a primeira entre outubro de 2015 e março de 2016, a segunda entre junho e agosto de 2016, a terceira entre janeiro e março de 2017 e sua aprovação no Conselho Nacional de Educação foi em dezembro de 2017, tornando-se uma referência obrigatória para ser usada pelos docentes. Ao aluno, é garantido a flexibilidade e autonomia de escolha e ele deve chegar ao final desse curso de ensino, da educação básica, sabendo desenvolver as

dez competências gerais estabelecidas na BNCC que, resumidamente, atuam nas áreas de formação de atitudes e valores, desenvolvimento de habilidades, construção de conhecimentos, ou seja, garante uma “formação humana integral” e é ela que orienta sobre o que os alunos irão aprender. (BNCC, 2018, p. 483-487)

A Educação Física, dentro da BNCC, encontra-se na área de Linguagens e suas Tecnologias por se tratar de uma linguagem corporal, de uma forma de comunicação, expressão, bem como a linguagem artística (arte) e a linguagem verbal (língua inglesa e portuguesa) e pelas possibilidades das diversidades e culturas se conversarem, trazerem questões, problematizarem assuntos e opiniões. Dentro do ensino médio ela tem por dever também consolidar tudo o que foi aprendido no ensino fundamental e ceder espaço para que desse aprendizado surjam novas ideias, novas reflexões, questionamentos, tornando a Educação Física escolar ainda mais rica e consolidada nas lembranças dos alunos para que eles queiram desfrutarem de uma vida mais ativa fisicamente, queiram sentir os benefícios de uma atividade física.

2º BLOCO:

A BNCC, com seu papel fundamental de embasar e organizar a vida da comunidade escolar, traz a educação física no ensino médio como uma forma de ampliar o vocabulário corporal, facilitando a exposição da diversidade da linguagem corporal, da diversidade cultural, abordando e questionando as opiniões geradas a cada aula, fazendo uma abordagem crítica e reflexiva, e não somente permitindo que os alunos usufruam do tempo de aula de maneira livre, sem destino, sem objetivos; ela vem para gerar vontade nos alunos, ou pelo menos facilitar essa comunicação, de buscarem, não somente nos horários livres dentro da escola, mas principalmente fora do ambiente escolar, manter seus corpos em movimento, vem para facilitar a visão dos alunos do que eles podem buscar fora do ambiente escolar.

Portanto, para facilitar a organização dessas oportunidades que aguardam pelos alunos, na BNCC há uma organização por etapas (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio). Dentro do ensino médio encontramos as áreas de conhecimento: linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias e as ciências humanas e sociais aplicadas, encontramos também as competências específicas, que são 7, e suas respectivas habilidades. Como já dito acima: no ensino médio, a educação física também tem o papel de consolidar o que foi

apresentado aos alunos no ensino fundamental, logo, parte-se do princípio de que foram apresentadas as seguintes práticas corporais de movimento: brincadeiras, danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e práticas corporais de aventura.

Para que tenhamos ciência de um todo, também nos foi trazido a reflexão sobre levar muito a sério os esportes, ou largar os alunos na aulas, ou seja, ficou para refletirmos a respeito da intensidade com que devemos aplicar uma aula de esportes para que ela não se torne um campeonato, para que não tome grandes proporções e seja levada sobre a ótica do rendimento, mas que também não seja conforme a vontade dos alunos, que não se torne o famoso “largobol”, quando o professor solta as rédeas, larga as bolas para os alunos jogarem e fazerem o que quiserem, sendo assim, um período sem significado, sem perspectivas, objetivos, tornando-se uma aula livre.

3ºBLOCO:

Neste bloco foi abordado os esportes coletivos, esportes individuais, lutas e ginástica. Aqui foi utilizado o Referencial Curricular – Caderno do Professor tanto como base para nos aprofundarmos nesses temas citados acima, quanto para realizarmos as tarefas solicitadas pelo professor da cadeira.

O esporte, dentro do Referencial Curricular, encontra-se classificado, na Educação Física, como Práticas Corporais Sistematizadas, assim como a Ginástica e as Lutas. Ele também se ramifica em Saberes Corporais e Saberes Conceituais. O Saberes Corporais se divide em Esportes para saber praticar e Esportes para conhecer. O Saberes Conceituais se divide em Conhecimentos técnicos e Conhecimentos Críticos.

Algumas questões deveriam ser respondidas para iniciarmos as etapas do primeiro trabalho na cadeira, dentre elas, a pergunta “o que é esporte?”. Então, uma resposta para uma das manifestações do fenômeno esportivo (esporte de rendimento, nesse caso) pode ser dada como: esporte é uma atividade física de competição realizada em situações formais, organizada e institucionalizada (BARBANTI, 2006).

A próxima etapa desse trabalho era para montarmos uma aula com o tema esporte, discutindo a respeito de como este se insere na sociedade, de que modo as pessoas o experimentam; tínhamos de criar situações em que os alunos pudessem experimentar e discutir a respeito dos esportes de rendimento e participação.

A criação da Unidade Didática também era muito importante, tendo de levar em conta o que havíamos visto até o momento, como os objetivos (pautados nas dimensões

do ensino: conceitual, procedimental e atitudinal) e o método, a escrita do planejamento e das aulas teóricas, assim como a organização e a especificação de ambos. Tudo deveria ser escrito, organizado e detalhado para que tivéssemos a melhor experiência possível como professores que se sentam para planejar e colocar no papel suas aulas, ainda que não estivéssemos fazendo isso pessoalmente, na prática.

Nesse contexto, trago uma experiência que eu tive de ir à campo observar aulas de educação física no ensino médio para realizar outro trabalho da faculdade, de uma outra cadeira, então foi aí que os meus pensamentos e minha visão começaram a mudar com relação àqueles alunos bagunceiros que citei no início do texto.

O colégio que eu escolhi foi o que eu havia passado todo meu ensino médio, mas não foi atoa a minha escolha, pois conversei com meu irmão, que na época estava fazendo o ensino médio dele nesse mesmo colégio, então ele me contou como era a educação física dele e conforme ele ia me contando, eu ia mudando minha visão aos poucos, lutando ainda para acreditar que era tão interessante assim as aulas desse professor porque o que mais me espantava era meu irmão me contar que os alunos, colegas dele, colaboravam e participavam das aulas de forma integral, isso, para mim, era fora de cogitação porque a última vez que eu havia presenciado uma turma 100% comprometida, tanto o professor quanto os alunos, havia sido no ensino fundamental.

Logo, dei um voto de confiança e fui ao colégio assistir uma aula do professor, ainda desacreditada que as aulas eram tudo aquilo que meu irmão havia relatado, então dei o azar de pegar o único dia do ano que ele “soltava as bolas”, era dia de aula-livre, e o professor justificou dizendo que estava próximo à semana de provas dos alunos, então deixava eles mais “livres para descontraírem”, “relaxarem”.

Aproveitamos a oportunidade para sentarmos e trocarmos ideias e para eu fazer algumas perguntas à ele; o professor respondeu a todas as perguntas, tirou todas as minhas dúvidas e, realmente, tudo aquilo que meu irmão havia me contado ele confirmou e ainda acrescentou a visão dele como professor, o que se tornou ainda mais enriquecedor para mim; o professor também me mostrou seu caderno de anotações e seus esquemas de aulas, achei bem interessante porque eram semelhantes aos Mapas de Competências e Conteúdos (GONZÁLEZ e FRAGA, 2012), com divisões transversais e longitudinais, mas eram anotações que somente ele entendia, eram esboços para ele consultar e que foram construídos baseados no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

O que mais me chamou atenção foi que, enquanto conversávamos e eu observava os alunos enquanto isso, quase toda a turma pediu a bola de vôlei e foi para a quadra jogar

conforme havia aprendido, conforme o professor havia os ensinado nas aulas, não lembro de ter visto mais de 2 alunos de fora da quadra, realmente aquilo mexeu comigo, fiquei impressionada com tamanho entrosamento que havia naquela turma, muito se devia às aulas elaboradas e cheias de significado que o professor de educação física deles proporcionava, então tudo isso me fez pensar em dar aula, futuramente, para o ensino médio também, não que em todos os colégios ou turmas os alunos fossem como esses, mas aquelas cenas e as conversar com o professor foram como uma “luz no fim do túnel” para que eu acreditasse que há esperança nas próximas gerações e parasse de achar que eram todos iguais aos meus colegas “terroristas” do ensino fundamental.

Percebi que boa parte dessa conexão, para não dizer: a maior parte, deve-se ao comprometimento do professor com a profissão que ele mesmo escolheu, digo isso não só por conversar e observar as aulas de professores como as do professor do meu irmão, no ensino médio, do professor do ensino fundamental, da professora tutora, mas por experiência própria, tanto com relação aos meus professores ao longo da vida, quanto eu mesma nos empregos que já tive, pois podemos perceber nitidamente quando o professor, aqui no caso, está empenhado em realizar um trabalho de grande impacto na vida dos alunos, quando este está disposto a marcar a vida dos alunos e não somente está dentro da escola para “bater ponto”, ficar no celular e satisfazer suas próprias vontades, ou até mesmo por motivos de “rixa” com outros professores, como ouvi dos colegas do curso e da professora da cadeira de Estágio no Ensino Médio, mas este é um relato para o tópico dessa disciplina que consta mais abaixo.

4ºBLOCO:

Processo avaliativo: tão importante quanto os demais processos realizados ao longo do ano letivo pelo professor aos alunos. Como tudo o que um professor faz em suas aulas tem de ter embasamento no PPP da escola, a avaliação também depende disso, pois o professor deve identificar os objetivos de aprendizagem e as atividades educacionais da escola a qual ele é empregado, sendo assim, a aula de um professor depende de uma unidade didática, que depende do ano ao qual os alunos se encontram e que depende do PPP da escola.

Segundo o que nos foi ensinado na cadeira sobre a história da avaliação na educação física, existiam 3 contextos de avaliações: as para punir, para classificar e para selecionar. Existem alguns erros nessas visões, tais como: restringir ao domínio

motor/procedimental, para cumprir uma exigência burocrática etc; na educação física, com o passar do tempo, muda o foco de uma avaliação pautada em resultados sobre o domínio motor, capacidades físicas, testes físicos e até classificação de ‘fraco, regular, bom e excelente, por exemplo, para uma avaliação pautada no processo de ensino – aprendizagem , englobando critérios como: participação, envolvimento, motivação, observação. Entretanto, há aqueles que defende que essa abordagem também é falha por não valorizar a dimensão procedimental, todavia, traz alguns pontos positivos como provas teóricas, gravação de vídeos/mídias realização de pesquisas e de trabalhos escritos.

Hoje em dia há quem faça mais uso da avaliação participativa, de interesse e da frequência dos alunos. Lembro-me de quando ficávamos na dúvida, no meu tempo de ensino médio, se o/a professor/a estava utilizando desse recurso, pois às vezes os víamos anotando em seus blocos ou cadernos, mas não sabíamos o que era e se realmente eles assim estavam nos avaliando e, como comentamos nessa disciplina, muitas vezes os professores não nos comunicavam que fariam uso desse método, então, ao final do trimestre, às vezes não entendíamos o porquê de recebermos determinada nota, e quando questionávamos, eles explicavam a respeito desse método que também faziam uso.

Segundo o MEC, a avaliação contribui para a política educacional, atuando durante o processo de ensino e o corrigindo enquanto estiver em curso, evitando deixar a correção somente para o final da etapa, e é uma das estratégias para a avaliação do sistema também, oportunizando à comunidade escolar, principalmente aos professores e alunos, um acompanhamento do desempenho, o autoconhecimento por alunos e professores, podendo analisar como foi o processo de etapas anteriores e tendo tempo disponível para corrigirem algo que não saiu de acordo com o previsto e programado, ou algo que não se encaixou com o propósito conforme os objetivos e competências previstos.

Tanto alunos quanto professores podem realizar a avaliação: professores para alunos, utilizando-se de estratégias como a observação e anotações, perguntas e explicações durante as aulas, roda de conversa ao final das aulas, através de provas e trabalhos, avaliando não somente comportamento e participação, mas se estão assimilando a parte conceitual, procedimental e atitudinal das aulas, e alunos para professores, com intuito de ajudá-los a melhorar no ensino, ajudando sempre a melhorar as aulas desde o planejamento até a execução, na prática.

3 ESTÁGIO NO ENSINO INFANTIL

Esse foi um dos períodos mais tensos de todo o curso para mim. Foi extremamente contraditório pois, como eu citei no início do texto, a educação infantil sempre foi a que mais me chamou atenção e era a que me dava mais esperança de aprender sobre a profissão docente e me levar até o fim do curso sem tantos sustos. Dos três estágios obrigatórios do curso, o estágio infantil foi o que mais tive dificuldade por causa dos desentendimentos que haviam entre a professora supervisora do estágio, meu colega (que era minha dupla) e eu, no caso, os desentendimentos vinham sempre por desconfianças da parte dela para conosco. Esse período todo foi feito à distância, de forma online, pois estávamos em meio à uma Pandemia, então sempre aconteciam ruídos na comunicação; e assim somamos mais um ponto negativo no ensino remoto: a falta de clareza, de interpretação, uma vez que dependíamos do aplicativo Whatsapp para explicar os detalhes dos trabalhos e atividades feitas por nós, alunos, e também faltavam detalhes nas descrições dos trabalhos propostos pelos professores, como os da professora supervisora do estágio infantil, por exemplo, o que gerava uma certa desordem e falta de compreensão por ambas as partes, alunos e professores.

Quase todos os trabalhos que minha dupla e eu fizemos nessa cadeira fomos abordados pela professora para saber se havíamos cumprido com o enunciado, se um havia feito mais que o outro, ou se um havia feito todo o trabalho pelos dois, entre outras. Então, sempre esperávamos, após o envio de algum trabalho concluído, que ela iria nos chamar para fazer algum tipo de pergunta, para saber os detalhes de como havíamos feito.

Essa cadeira foi uma das que fiz durante a pandemia, é uma cadeira de estágio, logo, é uma cadeira prática, mas em meio à essa pandemia, a UFRGS fez algumas mudanças em seu calendário e em seu jeito de dar aulas: entramos para o ensino remoto, e cada professor se ajustou de acordo com a universidade e se adaptou de acordo com suas necessidades. A professora titular dessa cadeira optou por disponibilizar todo o conteúdo programado, já explicado, com datas e organizado na plataforma Moodle para que pudéssemos acessar tudo. Ela também optou pelo uso do aplicativo Telegram para que qualquer dúvida ou assunto pertinente à cadeira fosse esclarecido por meio deste.

Para a cadeira, a professora programou alguns conhecimentos sobre a BNCC, Projeto Pedagógico, Visita à Escola (que não aconteceu por conta da pandemia), Elaboração do Plano de Trabalho, Prática Pedagógica, Diário, Relatório Final, Avaliação das Crianças (que também não aconteceu devido a pandemia), Entrega de Relatório e

Avaliação da Disciplina. Com relação a visita à escola e a avaliação das crianças a professora fez uma adaptação: trabalhamos com hipóteses/suposições, criando ambientes e histórias para que pudéssemos criar o Projeto Pedagógico, Plano de Trabalho etc.

Desde o primeiro trabalho já deveríamos estar ligados à um colega, ou seja, os trabalhos, do início ao fim da cadeira, deveriam ser feitos em duplas, então a comunicação entre as duplas deveria ser seguida para que os trabalhos pudessem ser desenvolvidos e, para estes, minha dupla e eu utilizamos o Whatsapp e o Telegram para realização dos trabalhos e envio de documentações um para o outro, os trabalhos prontos postávamos na Plataforma Moodle para que fossem visualizados e avaliados pela professora da cadeira.

Apesar dos ruídos na nossa comunicação, entre a professora e nós, a partir das primeiras conversas com ela, começamos a nos atentar ainda mais para os enunciados dos trabalhos, nos atentamos ainda mais aos detalhes, procuramos fazer exatamente como ela pedia e, às vezes, chamávamos ela antes ou durante a execução para tirarmos algumas dúvidas, para perguntar até mesmo o óbvio para termos certeza de que não estávamos errando em nada, mas ainda assim, após a postagem, já esperávamos que ela fosse nos chamar para esclarecer as dúvidas que ela tivesse.

Por algum tempo, durante o processo dessa cadeira, fiquei pensativa a respeito da postura dela. Meus pensamentos eram do tipo: por que justo na cadeira que eu criei expectativas? Por que justo nessa cadeira eu peguei uma professora com a qual tinha mais dificuldade de relacionamento? A impressão que eu tinha é que era para eu não realmente não estaria preparada para dar conta da carreira de professor, pois justamente naquela cadeira que eu tinha mais esperanças de identificação com a área estava enfrentando tantas dificuldades, já não bastava o fato de estarmos passando por uma pandemia que nos obrigava a ficar em casa, sem aulas presenciais e sem a tão esperada (por mim) experiência com os pequenos, ainda tivemos de lidar com uma forma de organização das aulas que não favorecia em nada o meu desenvolvimento como professora desse nível de ensino.

Ainda que tudo isso estivesse acontecendo, procurava me manter focada em continuar acreditando que era só mais uma etapa não muito agradável da formação inicial, que eu poderia tirar muitas lições dessa experiência, e que tudo ficaria bem, que eu conseguiria chegar até o final do curso e concluí-lo sem mais sobressaltos, que não seria por uma fase ruim que eu deveria desistir ou achar que a minha área profissional seria ruim por conta de uma exceção.

Algumas das leituras que a professora nos havia disponibilizado para complementar seus ensinamentos, bibliografias que faziam parte do conteúdo programático, lembravam-me muito da cadeira de Fundamentos da EFI no Ensino Infantil, afinal, essa era uma cadeira preparatória para esta. Uma delas era do autor Paulo (2013): “Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva. Durante a leitura eu pude me identificar com algo que ele comentou em seu trabalho:

As crianças colocavam em cheque tantas questões que a universidade me diz ser verdade, que, logo, fui descobrindo o sentido do conhecimento pedagógico. Um campo que é constituído por teorias e práticas e que, hoje, descubro outros elementos que o constituem, crenças e valores (FOCHI, 2013, p. 14).

Assim como Fochi, eu também me senti como ele em alguns momentos durante o curso: descobrindo que nem sempre a teoria dita as regras da e para a prática, que no meio do caminho aquilo que aprendemos pode ser desconstruído e reformulado porque estamos trabalhando com seres humanos e, como já ouvimos algum dia, “é área humana, não exata”, então trabalhamos até um certo ponto com a teoria nos guiando, mas, quanto mais experiência ganhamos nessa área, mais percebemos que de tal ponto em diante temos de nos moldar às situações para que as coisas continuem funcionando.

Quando ele fala a respeito de crenças e valores é bem nessa linha que um professor deve se atentar, pois cada aluno vem de uma criação diferente, seus pais também vieram de criações e culturas diferentes que então formaram seu novo círculo, logo, eles servem de base para sua nova família, servem de exemplo para os seus filhos, e os professores, nas escolas, vão perceber isso, vão ter de aprender a trabalhar e levar essa questão em conta na hora de planejar suas aulas. Esse é o tipo de coisa que a faculdade apenas dá uma pincelada, mas é quando estamos na frente de batalha, ministrando as aulas, que vamos identificar o perfil da turma para então conseguir planejar e ajustar (sempre buscando aperfeiçoar nosso trabalho, seja os observando e/ou ouvindo-os).

Um dos pontos que observei nessa cadeira foi a falta de solidez no sentido de que tudo ficou muito no imaginário, como mencionei: tínhamos de criar os cenários, tudo por nossa conta, frutos da nossa imaginação por termos de estar fazendo essa cadeira à distância por conta das circunstâncias as quais estávamos vivendo naquele período, então, nada foi palpável, nada foi presencial, nada foi vivido na prática, o que empobrece demais

a disciplina e o nosso aprendizado. A parte mais difícil disso tudo era escrever um Diário (como se estivéssemos frequentando uma escola e analisando os alunos de perto) e, ao final do semestre, todos os trabalhos e o diário se casarem em todo esse contexto criado por nós, apenas utilizando como base as orientações diretas da professora e dos enunciados das tarefas dadas por ela. É difícil passar uns meses trabalhando em cima de uma imaginação, de uma hipótese, e ir criando mais situações e cenários para ela, e ao final do semestre chegar com ela ramificada e cheia de detalhes que devem seguir a mesma linha de raciocínio do início ao fim e, ao final, todo o trabalho ficar coerente e harmonioso.

Outro ponto que observei foi a falta de ênfase de assuntos extremamente importantes, como o Brincar Heurístico de (FOCHI, 2018) que trabalhamos na cadeira de Fundamentos da EFI no Ensino Infantil. Isso se torna um exemplo daquilo que comentei a respeito de um professor não dar continuidade ao trabalho do outro que o antecedeu, ou nem sequer passar perto dos conteúdos trabalhados pelo professor anterior. Sobre essa temática que esse autor traz, também podemos citar o livro Crianças Dinamarquesas (ALEXANDER, SANDAHL, 2016) que complementa essa ideia e ainda faz uma breve reflexão a respeito, com exemplo de base científica que nos auxilia tanto na parte teórica quanto na parte prática para quando estivermos exercendo nossa profissão nesse ambiente infantil. Um trecho do livro diz assim:

Crianças não precisam de brinquedos específicos ou de atividades comandadas por adultos. Quanto mais você as deixar no comando de suas próprias brincadeiras, usando a imaginação e fazendo tudo por conta própria, melhor elas brincarão. Assim elas aprendem habilidades inestimáveis. Perdemos tanto tempo preocupados com o número de atividades em que nossos filhos estão inscritos ou com quantos cursos estão fazendo que esquecemos a importância de deixá-los brincar livremente. (ALEXANDER, SANDAHL, 2016, p. 33)

Essas autoras também citam 12 pontos para que nós, adultos, coloquemos em prática para que as crianças aproveitem ao máximo o tempo de brincar delas, como elas citam: “brincar bem”, e, resumidamente, elas trazem ideias como o desligar a tv, afastar eles de eletrônicos em geral, para que a “imaginação seja o ingrediente essencial”, ofertar variedade de materiais para estimular os sentidos (“pesquisas mostram que um ambiente sensorialmente rico ajuda no desenvolvimento do córtex cerebral”) (ALEXANDER,

SANDAHL, 2016, p. 32), levar as crianças para ter contato com a natureza, não se intrometer na arte e nas criações delas, deixar que a mente delas viaje nas possibilidades que estão disponíveis no ambiente ao qual se encontram, hora deixar brincarem sozinhas, hora convidar crianças para que brinquem juntas (crianças da mesma idade e de idades diferentes), não ocupar todo o tempo da criança com aulas etc. Portanto, como o ensino infantil sempre me chamou mais a atenção dentro da licenciatura em educação física, achei de bastante relevância ler alguns livros, como estes citados acima, para que eu pudesse mergulhar um pouco mais nesse universo infantil, ainda mais quando se trata de um caso como o meu - do semestre ter sido absolutamente toda a distância - pois parto do princípio de que devemos nos especializar na área que iremos exercer.

Essa cadeira me mostrou o ponto de partida para trabalharmos com as crianças, ainda que não tenhamos tido contato com elas, então, esse ponto de não intervenção nas brincadeiras das crianças eu levo comigo como algo a ser seguido à risca, somente devemos interromper se muito necessário, caso contrário, devo oferecer as possibilidades e deixá-las criarem e imaginarem quando esse momento as forem disponibilizadas, e eu, como professora de educação física escolar, devo sempre priorizar a ludicidade, pois assim favoreço o aprendizado delas, assim como devo observar as crianças que estarei trabalhando para melhor atender as demandas delas na hora de planejar e aplicar as minhas aulas, pois não podemos suprir as necessidades daqueles que não conhecemos, e também não conseguiremos lidar com as questões interpessoais e psicológicas das crianças se não estudarmos o mínimo necessário sobre esses assuntos.

4 ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Este foi mais um estágio atípico, pois ainda estávamos em meio à Pandemia, entretanto, foi completamente diferente quando comparado ao estágio infantil. A professora dessa cadeira estava realmente preocupada em nos fazer compreender e aprender tudo o que ela precisava nos passar de conhecimento, inclusive, em poucos dias de aula, ela já sabia quase de imediato quem era cada um de nós só no olhar, e isso eu sempre achei curioso: como alguns professores têm essa capacidade de memorizar e relacionar os nomes com os rostos? Pois rapidamente eles já sabiam quem era quem.

Nesse semestre, as coisas já haviam mudado um pouco de cenário: as aulas das escolas já estavam acontecendo de maneira mais ordenada e organizada, via plataformas e aplicativos, pois ainda estávamos respeitando os conselhos de “fiquem em casa” do governo, então tudo o que a população podia fazer via remota estava sendo feita, inclusive as aulas de todas as instituições.

As nossas aulas, desta cadeira, foram muito corridas e, de uma certa forma, tumultuadas, porque foi o primeiro semestre que usamos a mesma plataforma da escola em que estávamos estagiando, ou seja, ainda era novidade tanto para nós quanto para os alunos da escola e a todos os professores envolvidos, logo, todos estavam aprendendo a mexer no sistema.

Para iniciar, tivemos algumas reuniões com a professora responsável pela cadeira para que ela nos apresentasse o que havia planejado para o semestre. Já na primeira semana de aula deveríamos formar um grupo para seguir o semestre inteiro com este, realizando todas as tarefas juntos e tendo encontros virtuais semanais com a professora para explicar tudo para ela sobre a aula que tínhamos planejado para a turma de ensino fundamental que estávamos responsáveis, então, os encontros semanais com a professora eram excelentes para ela nos orientar, nos dar um norte, compreender nossa linha de raciocínio e até mesmo corrigir algo que não estava muito de acordo.

Todas essas reuniões aconteceram de forma remota, em momento algum tivemos um encontro presencial, todos os documentos e explicações estavam na Plataforma Moodle da UFRGS para que pudéssemos ter acesso e para postarmos os trabalhos já concluídos para que fossem avaliados pela professora. Foi um semestre bastante corrido, pois além de realizarmos as tarefas do Moodle, ainda tínhamos de dar conta da plataforma dos alunos da escola, então, toda semana deveríamos postar para eles as atividades que

deveriam realizar em casa e, teoricamente, deveríamos avaliar final do semestre, mas isso não foi possível por falta de tempo e de experiência com o “novo normal”.

A professora da cadeira não deixava para depois as conversas semanais e avaliações periódicas para saber se estávamos entendendo tudo o que ela estava passando, o que fez a maior diferença durante o curso para nós, alunos, pois precisamos de uma base que nos norteia, que nos mostra onde estamos errando ainda em processo para que possamos fazer as devidas correções e evitar erros piores lá na frente. Foi lamentável não podermos estar presente em campo com uma professora como essa, com certeza teria marcado ainda mais nossas vidas e teria sido muito edificante para nossa carreira profissional e pessoal.

São profissionais como ela que nos fazem refletir sobre a carreira de um professor e ver o quão gratificante é, daqui há uns anos, por exemplo, nos reencontrarmos com alunos dos quais não lembramos mais nem da fisionomia, mas eles terem sido marcados pelo nosso profissionalismo, pelo nosso amor à profissão, e nos parar na rua para nos agradecer ou até mesmo relembrar momentos importantes que eles passaram conosco e poder perceber a gratidão deles por nós. Isso não tem preço, isso faz qualquer esforço valer a pena.

Alguns pontos importantes, para nosso entendimento, são tratados também nessa cadeira para que possamos compreender o funcionamento de uma escola como, por exemplo, o Currículo e a Proposta Pedagógica. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, o Currículo e a Proposta Pedagógica ou Projeto Político Pedagógico (PPP) são definidos, respectivamente, como:

Conjunto de práticas que proporcionam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais. O currículo é, por consequência, um dispositivo de grande efeito no processo de construção da identidade do (a) estudante. Currículo refere-se, portanto, a criação, recriação, contestação e transgressão. (MOREIRA; SILVA, 1994, p. 27)

A proposta pedagógica, ou projeto pedagógico, é o plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para o desenvolvimento dos meninos e meninas que nela são educados e cuidados, as aprendizagens que se quer promovidas. (MEC-Parecer Homologado, 2009, p. 9).

Para que pudéssemos realizar os estágios não nos foi cobrado que tivéssemos acesso à esse tipo de documento das escolas, mas em quase todas as cadeiras de educação que temos na universidade nos é ensinado um pouco sobre cada ponto importante de uma escola, como estes acima, por exemplo. Logo, para que pudéssemos atuar como estagiários, tínhamos de enviar os Planos de Aula antecipadamente para a professora avaliar, ainda que estivéssemos realizando tudo a distância, por via remota. Por isso, a cada semana, tínhamos encontros virtuais com a professora para que ela pudesse avaliar não somente nosso Plano de aula, mas também nossas ideias e necessidades individuais, do grupo e como estava sendo para realizar os trabalhos em grupo, sempre com intuito de nos conhecer melhor para saber se estávamos entendendo o conteúdo e as coordenadas para nos fazer compreender tudo o que era importante para estar atuando dentro de uma escola como profissionais da área.

Uma reflexão muito profunda que podemos fazer a partir da postura dessa professora está na página 58 da Diretrizes Curriculares Nacionais do site Portal Mec que fala a respeito de um professor se aprofundar nas faixas etárias dos alunos que trabalhará. Nesta página, consta o seguinte: “O professor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental é, ou deveria ser, um especialista em infância”, assim como os professores de ensino médio deveriam ser de adolescentes, a lógica segue para cada professor, para cada profissional em sua área, e como eu já mencionei aqui, o professor precisa estar atento ao ambiente ao qual ele estará inserido, atento às demandas individuais e do grupo de escolares.

Para isso, eu já pude me adiantar e ler alguns livros que me ajudaram a compreender melhor a infância e que complementam os aprendizados que tive nas cadeiras de fundamentos e dos estágios. Um deles foi O Cérebro da Criança (BRYSON, SIEGEL, 2011) que é direcionado aos pais para que eles entendam melhor como funciona o cérebro das crianças para que saibam como lidar com seus filhos em momentos mais difícil e desafiadores que, uma hora ou outra, irão chegar para todos os pais e responsáveis.

Esse é o tipo de conteúdo que não aprendemos na faculdade, mas é extremamente importante estarmos atentos e adiantados “para não sermos pegos de calças curtas”, já diziam nossos avós; temos de ser intencionais na educação, estarmos certos do que estamos fazendo, é claro que educar nossos filhos é bem diferente do que educar filhos dos outros, mas muito sobre o cérebro e estratégias de como lidar com ele podemos aprender com esse livro.

No capítulo *Duas Metades Fazem o Inteiro: Combinando o Esquerdo e o Direito*, ensinam como fazer a integração dos dois hemisférios (lado esquerdo do cérebro com o lado direito). Cada lado tem sua função, sendo o lado esquerdo mais “lógico, literal, linguístico e linear (põem as coisas em ordem e em sequência)” (BRYSON; SIEGEL, 2015, P. 39), e o lado direito “é holístico e não verbal, importando-se mais com o significado e a sensação de uma experiência, é especialista em imagens, emoções e lembranças pessoais” (BRYSON; SIEGEL, 2015, P.39).

Cientes disso, podemos ajudar nossos alunos a utilizarem os dois lados quando estiverem presos em pensamentos que provém somente de um dos hemisférios, por exemplo, quando estiverem sendo sentimentais demais, dramáticos, podemos fazer perguntas para exercitar o lado esquerdo do cérebro, o lado mais racional, para os fazerem entender que a tal situação pode ser interpretada de outra forma que não essa exagerada que o lado direito às vezes nos apresenta, que eles conseguem resolver as situações e, assim, estarão aprendendo a ser resilientes. O texto chama isso de “conectar e redirecionar”, ou seja, nos conectamos com o mesmo lado do cérebro que eles estão fazendo uso no momento para os direcionarmos ao outro lado, fazendo-os raciocinarem com o lado oposto do cérebro.

Nessa mesma lógica podemos seguir os ensinamentos de David Gallahue quando ele fala a respeito do Estágio de Transição por exemplo. Este estágio acontece entre os 7 e 8 anos de idade e é definido como:

Durante o período de transição, o indivíduo começa a combinar e a aplicar habilidades de movimento fundamental para executar habilidades especiais em ambientes esportivos e recreativos. Andar em pontes de corda, pular corda e jogar kick-ball são exemplos de habilidades de transição comuns (GALLAHUE, GOODWAY, OZMUN, 2013, cap. 3 p. 73).

Logo, nós, como professores e orientadores, devemos ajudá-los a melhorarem suas habilidades e não fazermos com que se tornem especialistas nelas. Isso ouvimos com uma certa frequência em algumas cadeiras, pois há uma tendência de fazermos isso até mesmo sem notar, sem termos a intenção, então, é frisado para nós que não façamos especialização de habilidades, mas sim uma orientação para que melhorem, devemos tomar cuidado para não exigirmos perfeição e performance dos alunos, pois assim, podemos causar um afastamento ou até mesmo uma rejeição do aluno pela atividade/modalidade e por nós mesmos inclusive.

Quantas histórias ouvimos de pessoas traumatizadas com algum professor de educação física que passou pela sua vida que os “obrigou” a fazer tantos abdominais, ou tantos minutos de corrida etc. Conheço alguém que passou muito mal durante uns dois dias após a aula de educação física na escola porque a professora ordenou que os alunos executassem 300 abdominais, dentre outras atividades, mas por causa desses abdominais o adolescente ficou com dores terríveis no abdômen.

Nós, professores, não podemos esquecer que, acima de tudo, estamos lidando com pessoas, com organismos complexos e cheios de histórias, que temos o dever de disponibilizar da melhor forma possível a disciplina que nos tornou professores e tomar o maior cuidado para que não fragilizemos o vínculo dos alunos com ela, muito pelo contrário, devemos, além de ter esse cuidado, reforçar os laços dos alunos com a disciplina para que eles não venham somente experimentar a cultura da prática corporal em aulas de educação física escolar, mas procurem por mantê-la em suas vidas e para o resto de suas vidas.

Logo, para uma aula de educação física no ensino fundamental ser interessante e atrativa para os alunos, ela deve conter ludicidade, competição, cooperação, por exemplo, pois como disse acima: estamos lidando com pessoas e cada uma delas será fisgada pela educação física de uma maneira diferente, portanto, devemos diversificar nossas aulas, buscar aplicar atividades que eles nunca tiveram contato (quando e dentro do possível), utilizarmos dos mais diversos materiais, diversos espaços, ambientes, para que as aulas fiquem ainda mais ricas e a educação física conquiste o maior número de alunos possível a tal ponto deles procurarem por ela para além dos muros da escola.

5 ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO

No estágio do ensino médio a perspectiva foi outra, pois já estávamos no presencial, ou seja, o “fiquem em casa” havia perdido a validade, podíamos estar presente nos lugares novamente e, nesse caso, dentro das escolas, tendo contato direto com os alunos e com a comunidade escolar, aplicando nossos conhecimentos diretamente na prática, sem câmeras, sem aplicativos, sem celulares ou plataformas; isso sim foi aprendido e, através desse trabalho de conclusão, poderei expressar um pouco disso porque na época foi tudo muito corrido e passou tudo tão rápido que praticamente tivemos só as avaliações da professora e não pudemos aprofundar os diálogos ao longo do semestre sobre o que estava acontecendo no decorrer do estágio.

Para esse estágio, tivemos a presença de uma professora que era de São Paulo e que a recém havia passado no concurso para atuar como professora na UFRGS, então, era o primeiro semestre dela atuando presencialmente, e nós retomando às atividades presenciais também, logo, foi um desafio para todos.

Inicialmente, tivemos todas as instruções de forma remota; foram aproximadamente 5 encontros através de uma plataforma em que a professora pode nos orientar com relação ao semestre vigente, desta forma, ela pode contextualizar o campo em que iríamos atuar, as novas regras, situações, e tudo o que ela poderia já nos adiantar para que o restante da carga horária prevista para a cadeira fosse integralmente utilizado dentro das escolas onde iríamos atuar.

Depois de termos assistido algumas aulas, já se encaminhando para as últimas de forma remota, tivemos de escolher o colégio e a turma que seríamos estagiários, no meu caso, fiquei com uma turma de terceiro ano, e meu colega, que era minha dupla, ficou responsável por uma turma de primeiro ano, o que tornou nosso trabalho ainda mais rico por ocorrer essa intercorrência de cada um pegar uma turma diferente, quando nos semestres anteriores à pandemia, os alunos realizavam os estágios em duplas em uma mesma turma, o que não aconteceu conosco e com uma outra dupla. Portanto, quando meu colega dava sua aula na turma de primeiro ano, eu o auxiliava, e o mesmo acontecia com a minha turma, eu dava a aula e ele ficava ao redor auxiliando quando e se fosse necessário.

Nossas turmas eram completamente diferentes, pude perceber isso não somente pela idade que eles tinham, mas também porque a turma dele era de um perfil mais organizada, mais silenciosa, atenta, cooperativa; em contra partida, a minha era mais

barulhenta, dispersa, questionadora, com grupinhos já formados tipo panelinhas e, de uma certa forma, uma turma meio devagar, eu praticamente precisava convencer eles de que a aula não somente era uma obrigação deles, por fazer parte de uma disciplina que teoricamente os fazem repetir de ano caso não cumpram com o mínimo exigido para serem aprovados, ou seja, era uma turma um pouco mais complicada de lidar, eu tinha que fazer força para que a maioria participasse das aulas.

Isso era exaustivo. Até que um dia conversei com a professora deles para entender melhor se era eu, ou eles, então ela me disse que realmente era uma turma mais complicada, que sempre tinha um com ‘problema’, dando ‘desculpa’ para não fazer as aulas, ainda mais quando eu entrei, porque as minhas aulas eram mais elaboradas, com mais atividades, com a grande parte da aula sendo ativa, em contra partida, as aulas com a professora deles eram de caminhadas como forma de aquecer e iniciar a aula, alongamentos, aula de vôlei, aula livre, bolas livres para eles jogarem o que quisessem e, de vez em quando, uma atividade diferente dessas.

Como todas as cadeiras de práticas e de estágios, essa também tínhamos de enviar o planejamento das aulas antecipadamente para a professora analisar, e assim foi feito. Meu colega apresentou aos seus alunos uma versão mais detalhada do voleibol, então ele resolveu utilizar todas as aulas dele para isso, e eu, por perceber com as observações que fizemos uma semana antes de atuarmos como estagiários que eles eram mais introspectivos, era uma turma muito desunida e quase não sabiam os nomes dos colegas, somente os dos grupinhos deles, resolvi apelar para um lado mais integrativo, dinâmico, cooperativo, justamente para que eles se conhecessem mais, que as panelinhas fossem quebradas ou qualquer outro preconceito e aversão que pudessem ter, tanto da educação física em si, quanto dos colegas.

Segui firme na minha decisão e escolhas de aulas, ainda que a professora da cadeira, quase no final do estágio, tivesse chamado minha atenção para que eu talvez pudesse tentar algo diferente, mas eu acho que obtive um resultado muito positivo com relação as características negativas da turma, pelo o que eu pude observar, tanto no decorrer das aulas quanto ao final do estágio, eles responderam muito bem às minhas expectativas: no início era uma turma fechada, introspectiva, mas, ao final, já estavam todos se comunicando entre si, chamando para participar das aulas alguns colegas que gostariam de estar sentados, e assim por diante.

Para as aulas que eu elaborava, sempre procurava utilizar algum material que a escola disponibilizava, dentre eles: bolas de futebol, bolas de vôlei, bolas de basquete,

cones, rede de vôlei, colchonetes, mas eu não me preocupava muito caso não tivesse tal material ou se este estivesse num estado não muito conservado porque eu tenho alguns materiais em casa e não me importo de levar para fazer uso na escola. Para a maioria das aulas que eu dei eu levei material e pouco usei os da escola. Meus materiais eram cones pequenos e coloridos, chinezinhos coloridos, cordas, cabo de vassoura, bolas e apito.

Não pensei duas vezes em levar meus materiais, pois eu sabia que além de enriquecer as aulas eu iria economizar tempo porque para utilizar os materiais da escola eu precisaria de tempo para deixá-los minimamente usáveis, e o semestre foi muito corrido para todos nós que estávamos em estágio, principalmente para a professora da cadeira que teve de se dividir entre duas escolas para nos atender.

A nossa escola, Colégio Protásio Alves, foi a menos visitada por ela porque além de a maioria dos colegas terem escolhido o colégio Júlio de Castilhos, lá também foram os estágios mais complicados que precisaram de uma atenção muito maior da parte dela por causa das desavenças entre a professora de educação física e a direção da escola, e isso afetava diretamente nas aulas dos meus colegas. No final do semestre, quando a professora foi à nossa escola nos observar e conversar conosco, segundo ela e as nossas percepções, ao fazer uma análise das aulas do meu colega, foram todas muito bem aproveitadas e planejadas por ele. Os alunos usufruíram de seus ensinamentos e participaram efetivamente das aulas. A avaliação da nossa professora com relação as aulas ministradas por ele foram muito boas, com a ressalva de que ele poderia ter saído da bolha do voleibol por nós termos um leque de opções e que ele poderia ter aproveitado o tempo de aula para oferecer e oportunizar outras atividades, mas do restante não havia o que falar.

Ao fazer uma análise das minhas aulas, também foram todas muito bem aproveitadas, tão bem que quase não sobrava tempo para um diálogo ao final, esse foi um dos meus maiores erros, de ter feito poucas vezes um círculo ao final da aula para ouvi-los, ao estilo de “volta à calma”, para entender o que eles haviam aprendido, observado e gostado da aula.

A professora deles, no início do trimestre, havia passado todas as informações do decorrer da disciplina e fez alguns combinados, um deles era sobre eles descerem direto para o ginásio quando eles tivessem educação física, a professora deixou bem claro que não subiria para pegá-los em sala, ela os aguardaria no ginásio, então, quando batia o sinal para troca de período, ficávamos lá os aguardando, mas isso era demorado, levava pelo menos uns 15 min até que a chamada se iniciasse por causa da demora deles, lembrando

que o período tem somente 45min, então me sobravam sempre apenas 30min para iniciar e terminar minha aula, por isso eu acabava não conseguindo fazer o círculo. A nossa professora compreendeu, mas deixou claro a importância de isso ser feito, e eu sei bem o quão importante é.

Para concluir a minha avaliação, foram aulas dadas com muito entusiasmo, carinho e planejadas com muito amor, pensando no melhor para cada um e para a turma diante do que pude observar nas aulas iniciais (e acredito ter alcançado esse objetivo). A professora me chamou a atenção para estes dois pontos: eu também poderia ter ofertado outras atividades, apesar delas terem sido muito boas para aquele contexto de introspecção da maioria dos alunos e a professora da cadeira ter gostado bastante das minhas ideias, e eu deveria ter feito o círculo ao final de todas as aulas, mas ela foi super compreensiva com o contexto, o que me deixou contente e cheia de esperança para conhecer e desbravar ainda mais esse curso lindo que escolhi como profissão. Temos muito o que crescer e conhecer em nossas áreas e em nossas profissões, como pessoas e para as pessoas.

Foi de extrema importância e se faz necessário o estudo sobre Fisiologia do Exercício, Bioquímica e Biomecânica, são alguns exemplos, para entender como funcionam os corpos dos adolescentes que trabalhei no estágio do ensino médio para poder planejar e aplicar uma aula que estivesse de acordo com a faixa etária, com o desenvolvimento motor, com a aptidão física deles. Foi necessário o estudo sobre Psicologia Aplicada à Saúde para entender como funciona o psicológico de um adolescente, por exemplo, para sabermos identificar quando houver algo de errado com algum aluno, para que não julguemos à primeira vista um comportamento mais lento de tal aluno, ou até mesmo a recusa deste a realizar a aula, pois por trás dessas atitudes podem haver muitos fatores externos que não estejam conectados a aula de Educação Física, mas essa se torna o meio pelo qual o aluno pode se expressar se dermos as condições adequadas para que isso aconteça, afinal, Educação Física também é expressão corporal, uma disciplina tão importante que pode até mesmo se tornar um meio de comunicação para os alunos expressarem o que são, o que guardam dentro de si, o que sentem, o que gostariam de dizer e muitas vezes não conseguem com palavras, mas através de gestos e movimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, eis-me aqui na reta final! Como eu já previa. Eu não costumo desistir de algo que começo, ainda que durante o curso eu tenha me deparado com obstáculos, alguns menores, outros maiores, eu perseverei e cheguei ao fim de uma longa jornada.

Ao longo do curso de licenciatura em educação física, tive momentos de alegria, de tristeza, de dúvidas e de certezas, mas sempre confiei que não seria em vão seguir até o final e, hoje, concluo que realmente não foi em vão. Serei eternamente grata a cada conhecimento que obtive ao longo dessa história, grata por quem me ensinou, grata por quem se doou, grata por tudo e todos que cruzaram meu caminho, pois sei que cada um e cada uma das situações colaboraram para que eu chegasse até aqui.

Durante esses anos de curso na licenciatura em educação física, tive meus olhos abertos para muitas situações dentro da educação, tanto pelo comportamento dos profissionais da área e dentro dessa comunidade, quanto pelo pensar e falar de cada um de seus membros. Descobri o quão profunda é a educação e o quão responsáveis somos por disseminá-la com qualidade.

Como eu já destaquei ao longo do texto, na educação física podemos encontrar um amplo leque de opções de atuação dentro da área, alguns que eu nem mesmo imaginava existir, sendo muito importante ter ciência de que é preciso sempre buscar o aprofundamento, pelo menos um bom domínio, sobre o caminho que pretendemos seguir. Afinal de contas, fazemos parte de uma sociedade e somos quem colabora para que essa sociedade seja mais justa com todos e melhor coletivamente. Portanto, nós, professores, somos exemplos de profissionais que devem se manter sempre atualizados, sempre buscando novos conhecimentos e sempre procurando estar à frente do que há de mais novo para a educação física escolar.

Acredito que esses pontos são elementos básicos para um professor se manter ativo e responsável em sua profissão, pois não podemos nos colocar num lugar de superioridade e acharmos que já sabemos de tudo, e que dominamos tudo, só porque estamos concluindo uma etapa da formação. Pelo contrário, devemos sempre, de forma sinceramente humilde, reconhecermos que também somos eternos aprendizes.

Com o passar dos anos, aprendi que ingressar em uma universidade não é apenas se deter ao que nos é ensinado dentro da sala de aula sobre um dado assunto, mas ela é o início e o caminho para que também possamos andar com as nossas próprias pernas, pois se trata, como o próprio nome diz, de “formação inicial”.

Ali aprendi como e onde buscar informações, buscar conhecimento e atualização, aprendi sobre o papel e postura de um professor dentro do ambiente escolar, aprendi na teoria e na prática a dar início à minha profissão como professora, principalmente quando efetuei os estágios. Aprendi a sair da bolha e do quão prejudicial é fazer parte do grupo de professores do “largobol”, uma forma de se portar em aula que nunca fez parte do meu caráter, porque compreendi que a educação física é muito mais do que fazer vontades dos alunos em aulas livre sempre voltada para a prática estereotipada dos esportes.

Aprendi que Educação Física é muito mais do que isso, é expressão corporal, é sobre a cultura de movimento corporal, inclusive aquelas que, infelizmente, ainda não tive oportunidade de aprender, aquelas que tenho pouco domínio. Cabe a nós, como professores da área, proporcionar um ambiente favorável para que os alunos se expressem bem até mesmo naquelas práticas corporais que temos pouco domínio, devemos gerar momentos e oportunidades para que eles experimentem novos movimentos, compreendam as potencialidades e os limites da sua capacidade física, da sua aptidão física, da sua forma de se relacionar com as práticas corporais.

Além disso, também devemos proporcionar uma aula adequada para cada faixa etária, como já mencionado acima no texto: o professor deveria se especializar no público que irá atender, nos conteúdos aplicados à população específica que ele irá atender, também deve tomar cuidado para que a sua aula não fique maçante, pesada, ou perceber que suas aulas estão quase se confundindo com um centro de treinamento de atletas, com exigências de performance e perfeição nas habilidades executadas pelos alunos incompatíveis com um processo de aprendizagem que respeite o direito dos estudantes de aprenderem sobre a pluralidade das práticas corporais.

Ao longo dessa trajetória na licenciatura pude perceber que o meu futuro seria predominantemente na área no bacharelado por alguns motivos como: estar interessada pela área fitness antes mesmo de entrar para o curso de licenciatura; ter me identificado mais com o passar do curso as cadeiras típicas do bacharelado, chegando, inclusive, a fazer um longo estágio em um estúdio de musculação (o que me provou que realmente meu futuro já estava se encaminhando para o lado oposto ao da licenciatura); casar com um profissional da educação física fortemente identificado com o campo de atuação do bacharelado e, talvez o motivo mais forte, ter vivenciando a licenciatura na teoria e na prática de maneira como relatei neste TCC me fez perceber, pelo menos por hora, que meu futuro seria do lado de fora da escola. E não vejo isso como algo negativo, pelo

contrário, pois para saber se temos vocação para lidar com algo tão precioso é preciso experimentar de modo muito intenso.

Evidentemente que me reconhecer como uma futura licenciada em educação física que prefere o campo de atuação do bacharelado não é nenhum demérito, ou perda de tempo, pelo contrário, pois eu não deixei de gostar ou me arrependi da opção pela licenciatura, apenas me identifico mais com o campo de atuação do bacharelado, pois ao longo do curso eu fui confrontando/confirmando os sentimentos e ideias que eu tinha a respeito de ambas: gosto muito da licenciatura, acho uma profissão lindíssima e serei eternamente grata à ela por tudo que aprendi, afinal de contas, a profissional que hoje sou foi construída por ela, e não falo isso com pesar, com intuito de me lamentar ou de ter sido um sacrifício chegar até aqui, não mesmo, mas meu coração bate mais forte pelo bacharelado, pois meus planos futuros (isso não inclui certeza de nada) será dentro desta área.

Para finalizar, não poderia deixar de trazer o registro de uma mulher que, na reta final do curso, engravidou e teve de ajustar toda a sua vida para receber a sua tão esperada filha. Não foi fácil concluir a faculdade estando grávida, pois em algumas aulas de esporte eu fiquei só no banco observando para aprender, outras eu me arrisquei, mas vendo que poderia trazer algum perigo para a minha gestação, retornava para o banco ou ficava de fora da quadra, e dali pude também ser auxiliar de professor trilhando corda, ajudando com os materiais, enfim, também pude aprender deste outro lugar.

Portanto, ao fazer uma breve reflexão dessa reta final do curso na condição de grávida afirmo que, para mim, o momento mais difícil foi concluir o TCC. Isso porque minha filha nasceu e o meu tempo foi quase 100% destinado a ela, evidentemente. O puerpério é um tempo muito difícil, então, não queremos saber de mais nada além de nos recuperarmos e o nosso corpo está inteiramente voltado para o bebê, isso vai muito além do que imaginamos ou desejamos, logo, todo o resto, todas as outras tarefas que temos para fazer acabam ficando para quando dá, para quando também nossa mente estiver funcionando minimamente melhor.

Deixo aqui também o meu carinho especial pelas cadeiras de estágio, não mais importantes do que as outras, mas elas se tornam essenciais para qualquer profissão. Elas são indispensáveis, inclusive, acredito que o tempo para cada uma delas deveria ser repensado, sinto que foi pouco tempo para entendermos o complexo mundo da educação.

Sinto-me agradecida por todos esses anos de curso de licenciatura em educação física, por tudo o que ela me ensinou e me apontou, por todas as experiências vividas

presencialmente e remota, por cada ensinamento de cada professor e por cada colaboração de cada colega que também ajudou a enriquecer as aulas. É muito bom quando temos bons exemplos ao nosso redor que podem servir de setas que nos apontam os caminhos de sucesso, mas também é de bastante relevância olharmos para os exemplos ruins que estão nesse contexto aproveitarmos para refletir, analisarmos o que aconteceria, ou como estaríamos se tomássemos o mesmo caminho, pois, ao final, saberíamos que esse último não estaria nem perto de uma opção para colocarmos em prática.

Apesar das adversidades que surgiram ao longo do curso e, principalmente, nos períodos de estágios, como as descritas aqui em cada etapa por exemplo, eu olho para trás e percebo que ao chegar até aqui, concluindo o curso de licenciatura em educação física, eu consegui superar todas as dificuldades, consegui desenvolver resiliência ao encarar os obstáculos com um olhar direcionado para os resultados, entendendo que seriam somente momentos passageiros, que logo eu estaria chegando ao final do curso com o coração tranquilo de que fiz o que era necessário e possível para estar me formando, que seriam somente fases e que valeria muito a pena enfrentar essas adversidades para concluir o curso. Hoje, posso dizer com certeza que valeu a pena cada detalhe e estou muito feliz pela caminhada trilhada na licenciatura. Sinto que foram necessários os percalços para formar a professora que aqui escreve,

E, para de fato encerrar esse longo relato, quero deixar registrado que seguirei em frente, com esperança de aprender cada vez mais com a minha profissão que tão bem faz a mim e tão importante é para a sociedade. Sinto-me feliz por estar concluindo parte desta jornada como estudante do curso de licenciatura e, se Deus quiser, com o diploma de licenciada em mãos, poder iniciar a trilhar o caminho do bacharelado em educação física, privilégio que ainda tenho por ter ingressado em currículo que ainda permite retornar para obter a dupla diplomação, para continuar aprendendo e ensinando.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jéssica Joelle; SANDAHL, Iben Dissing. **Crianças Dinamarquesas: o que as pessoas mais felizes do mundo sabem sobre criar filhos confiantes e capazes.** São Paulo, 2017.

BARBANTI, Valdir. **O que é esporte?**. São Paulo. 2006. p.55.

BRASIL. Lei nº 14.945, de 31 de julho de 2024. **Diário Oficial da União**, Brasília.

BRASIL. Lei 8.069, de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. PARECER CNE/CEB Nº: 20/2009. p. 9.

BRYSON, Tina Payne; SIEGEL, Daniel J. **O Cérebro da Criança: estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar.** São Paulo, 2015.

CAMPOS, Márcia Zendron de; SCARPATO, Marta. **Educação física: como planejar as aulas na educação básica.** Campinas, 2024. p. 8-9.

FOCHI, Paulo Sergio. **“Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”** documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer das crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva. 2013. p. 14.

FOCHI, Paulo Sergio. **O brincar heurístico na creche: Percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil – OBECI.** Porto Alegre, 2018.

FRAGA, Alex Branco; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar.** Erechim, 2012.

GALLAHUE, David L; GOODWAY, Jacqueline D; OZMUN, John C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos.** Porto Alegre, 2013. cap. 3. p. 73.

MONTADA, Leo; OERTER, Rolf. **Psicologia do Desenvolvimento.** Alemanha, 2022.

MOREIRA, Antonio F. B.; SILVA, Tomaz T. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

Secretaria de Educação (Seduc). Referencial **Curricular Gaúcho: consulta pública**. Porto Alegre, 2020.